



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO
ESTADO DO PARÁ

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

IARA FERREIRA DA SILVA

**O trajeto do aluno deficiente visual até a universidade: memórias
de um processo formativo**

Marabá

2015

IARA FERREIRA DA SILVA

**O trajeto do aluno deficiente visual até a universidade: memórias
de um processo formativo**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do diploma de Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus de Marabá, sob orientação da Prof^a Dr^a Hildete Pereira dos Anjos, co-orientado pela mestrand. Ingrid Fernandes Gomes Pereira Brandão (PDTSA/Linha 2).

Marabá

2015

IARA FERREIRA DA SILVA

**O trajeto do aluno deficiente visual até a universidade: memórias
de um processo formativo**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do diploma de Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Estado Pará, Campus de Marabá, sob orientação da Prof^a Dr^a Hildete Pereira dos Anjos, co-orientado pela mestranda. Ingrid Fernandes Gomes Pereira Brandão (PDTSA/Linha 2).

Aprovado em ____ de _____
de 2015

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Esp. Ingrid Fernandes Gomes Pereira Brandão (co-orientadora)
Mestranda em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia ICH/UNIFESSPA.

Prof. Ms. Katia Regina da Silva
Faculdade de Matemática/ ICE/UNIFESSPA.

Prof^a. Dr^a. Hildete Pereira dos Anjos (Orientadora)
Faculdade de Ciências da Educação/ICH/UNIFESSPA

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus pelo milagre da vida, pela minha família, meus amigos e colegas. Obrigado, meu Senhor, por mais uma etapa alcançada em minha vida, pelas vezes em que pensei em desistir e me deste perseverança, pois sem tua graça eu nada seria. Que o senhor possa caminhar comigo nas próximas conquistas e fortalecer o meu coração com tua graça e misericórdia, para ir em prol de um maravilhoso futuro. Com amor as coisas ficam mais fáceis, os caminhos mais claros e os medos desaparecem. Pois ninguém se faz sozinho: Sempre é preciso um olhar de apoio, uma palavra de incentivo, um gesto de compreensão, uma atitude de amor. Sem vocês, pais, amigos, familiares e conhecidos, essa conquista não teria sido alcançada. Vocês foram a luz do meu caminho nos momentos de dor e de tristeza, acreditando sempre em meu potencial.

Em especial agradeço a minha professora Josiane e professora Júlia por me alfabetizar no Braille e acreditar que eu poderia ir além das minhas expectativas, ensinaram-me a viver no meio de uma sociedade preconceituosa sobre o qual tive que mostrar minha potencialidade, como deficiente visual. Agradeço a professora Hildete por montar um grupo de estudo somente para deficientes acreditando em nosso potencial. Agradeço a cada um dos componentes do grupo de estudos que acreditaram no meu potencial, cujo no qual muitas pessoas não acreditavam que poderíamos chegar tão longe. Não posso deixar de agradecer mesmo em sua ausência, a uma pessoa muito especial, minha amiga Patrícia, que acreditou em mim por duas vezes me escrevendo na prova da UFPA, estudava comigo, tirando tempo onde não existia e garantindo assim minha vaga. Em destaque também às bolsistas, componentes do NEES, Laissy e Elitis que me acompanharam durante este trajeto de curso sempre preocupadas em preparar o meu material neste processo de conclusão de curso. Agradeço a minha professora Luciana, por fazer eu me sentir uma pessoa sem deficiência visual, nas disciplinas ministradas por ela, pois tudo era perfeito. Os materiais eram adaptados, não havia uma atividade que eu não estivesse inclusa.

Agradeço as minhas duas grandes amigas Ingrid e Mirian que me acompanharam durante esses quatro anos de dificuldades e superações, mesmo em momentos de tristeza elas não desistiram e acreditaram em meu potencial, tiravam tempo onde não havia. Obrigado pelo incentivo nas horas de desânimo, pelo consolo nos

momentos de tristeza e pela presença nas minhas conquistas. Assim, em gratidão e reconhecimento a esse amor infinito, ofereço a vocês o triunfo desta vitória.

DEDICATÓRIA

Dedico este TCC ao meu filho Vitor Gabriel, pois foi a minha fonte de inspiração na qual busquei forças para prosseguir em meio a tantas dificuldades encontradas durante o curso. Graças a ele pude alcançar com êxito essa importantíssima etapa de minha vida. E por ele serei mais forte, para que no futuro eu possa ser a sua fonte de inspiração.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar e analisar o trajeto do aluno deficiente visual até a universidade, explorando as memórias do processo formativo. Como base teórica, foram buscados como referenciais Vigotski, Caiado e Diniz. Tais autores trazem como objeto de estudo a inserção da pessoa com deficiência nos espaços educativos, ajudando a refletir sobre as dificuldades que são encontradas ao longo desse trajeto. A metodologia utilizada foi o registro da memória da autora através de relatos orais e sua análise nas categorias primeiras aproximações, concepções de deficiência e prática pedagógica. Em destaque, a luta por igualdade e oportunidade, as diferenças encontradas por deficientes no meio social e a ausência de prática pedagógica adequada, por parte de alguns professores. As dificuldades encontradas no trajeto dessa pesquisa focam a luta incessante da pessoa com deficiência em romper barreiras, propiciando uma melhor inclusão.

Palavras-chave: educação especial, relatos orais, deficiência, ensino superior.

LISTA DE SIGLAS UTILIZADAS

CAP - Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual

NEES - Núcleo de Educação Especial

SR - Sala de Recursos

SRM - Salas de Recursos Multifuncionais

UFPA - Universidade Federal do Pará

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. CONTEXTO HISTÓRICO E POLÍTICAS PÚBLICAS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL ...	14
2. A CONTRIBUIÇÃO DE VIGOTSKI À EDUCAÇÃO DA PESSOA CEGA	19
3. AS MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA (CATEGORIZAÇÃO E ANÁLISE)	23
3.1. PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES COM A DEFICIÊNCIA	24
3.2. CONCEPÇÕES DE DEFICIÊNCIA	29
3.3. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	35
CONCLUSÃO	42
REFERÊNCIAS	43
ANEXOS	44

INTRODUÇÃO

As motivações que conduziram a escolha da temática “*O trajeto do aluno deficiente visual até a universidade: memórias de um processo formativo*” são devido às dificuldades e preconceitos que tenho encontrado durante o meu processo de escolarização, da educação básica ao ensino superior, em que pude perceber a diferença de quando nascemos sem deficiência e quando as dificuldades no acesso a escola se potencializam em relação às pessoas que necessitam de um acompanhamento específico. Digo isto, porque antes de ser diagnosticada como deficiente visual, as dificuldades eram pequenas, quase inexistentes. Em contrapartida, após esta constatação, desde as tarefas mais simples as mais complexas, como: visualizar o quadro, ter acesso aos textos, precisar de um professor auxiliar, leitor, e outras, tornaram-me cada vez mais dependente.

De acordo com Mendes (2006), a educação inclusiva é uma prática para concretização da igualdade de oportunidades e eliminação das barreiras que levam a exclusão no ensino. Portanto, nesse novo contexto é necessário que as escolas atendam a todas as pessoas com necessidades especiais sem diferenciação de aprender. Nessa expectativa, no contexto brasileiro tem-se elaborado políticas educacionais, que amparam os direitos de qualquer pessoa com necessidades especiais na sociedade e no sistema educativo, porém, a escola ainda não consegue dar conta da proposta de inclusão, acaba reproduzindo a exclusão.

Como deficiente visual, posso afirmar que são inúmeras as barreiras encontradas ao longo do processo de inserção e permanência na escola, que em meio a muitos obstáculos, acabam causando a exclusão. Em todo o percurso, as dificuldades parecem se reproduzir. Ao chegar à Universidade, permanecem e se intensificam: a falta de preparo dos professores para receber os alunos com deficiência, o espaço mal estruturado, o acesso à biblioteca, os materiais não adaptados e os recursos pedagógicos utilizados que não contemplam o aluno com deficiência.

Para conseguirmos vencer tais barreiras que nos são impostas, é preciso ter força de vontade, pois a deficiência não está só no aluno e sim nas escolas e universidades. Neste aspecto, o apoio da minha família e amigos foi fundamental.

Considerando Diniz (2007), concebemos deficiência como produto do contexto social e não vinculada ao indivíduo, o que neste caso, ser cega não é compreendido como uma desvantagem ou empecilho para realizar qualquer atividade. Portanto, através deste trabalho, quero apresentar a minha história, as dificuldades, superações, tentando assim,

trazer reflexões e provocar uma identificação junto às demais pessoas com deficiência que vivenciam experiências similares.

Depois de observar e conviver durante alguns anos com as dificuldades de alunos com deficiência, escolhi a princípio pesquisar os professores. Queria entender como o professor compreendia nosso processo de ensino aprendizagem? Por que os alunos com deficiência causavam tanto medo? De onde vinham tantas inseguranças no trabalho com alunos deficientes?

Cheguei a assistir algumas das aulas lecionadas por um professor de matemática da rede pública de ensino. A oportunidade surgiu a convite de um amigo cego que na época cursava a educação de jovens e adultos. No entanto, ao ingressar no ensino superior, me pareceu ser mais viável escrever minhas próprias histórias que, de certa maneira, apontariam caminhos para que eu pensasse esta dinâmica que inclui professores e alunos com deficiência.

A escolha por trabalhar com minha própria história de vida também foi devido às mudanças sofridas no meu convívio com os professores. No ensino médio, contávamos com o auxílio dos professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e ao ingressar na Universidade, encontrei algumas diferenças, pois o apoio foi ficando cada vez mais escasso, ou melhor, substituído por familiares, colegas de turma, voluntários e outros na minha trajetória acadêmica. Percebi ainda que não é só o professor o responsável pelo não atendimento aos alunos com deficiência, mas sim a interferência que ele sofre do meio social em aceitar que o deficiente é capaz de ser tratado com igualdade, isto é, sem preconceito.

Assim, junto com o grupo do Núcleo de Educação Especial (NEES) da Faculdade de Educação (FACED/ICH/UNIFESSPA), tomamos a decisão de trabalhar gravando minhas memórias. As gravações transcorreram entre os espaços do Centro de Apoio Pedagógico (CAP) e do NEES, no espaço de duas semanas. Com o auxílio do DOSVOX¹, após o material coletado, foram realizadas as transcrições, pela bolsista do NEES, em um período aproximado de três semanas. As narrativas eram transcritas na íntegra e transformadas em textos, para que posteriormente eu pudesse realizar a leitura.

Ao ouvir as transcrições, identificamos que algumas marcas eram recorrentes na minha história o que fez com que tentássemos organizá-las em categorias de análise.

¹ É um sistema computacional baseado no uso através de síntese de voz, desenvolvido pelo antigo Núcleo de Computação Eletrônica da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Destina-se a viabilizar o acesso de deficientes visuais a microcomputadores.

Desta forma, chegamos às categorias extraídas do texto: primeiras aproximações com a deficiência, concepções de deficiência e práticas pedagógicas.

Este exercício de tentar categorizar estava sempre articulado com as leituras teóricas de autores como Mendes (2006), Diniz (2007) e Caiado (2013), que discutem a temática da deficiência e os processos de ensino envolto a estes alunos. As contribuições de Vigotski também foram estudadas, através do texto de Nuernberg (2008). Para contribuir junto ao meu acesso aos teóricos da Educação Especial, contei com o auxílio de duas integrantes do Grupo de Estudos Dinâmicas Socioeducacionais, Políticas Públicas e Diversidade (GEDPPD).

A dinâmica de nossos estudos transcorreu da seguinte maneira: foram realizadas as leituras dos textos em voz alta, em que fiquei responsável por selecionar e narrar os principais fragmentos e ideias que gostaria de extrair dos textos. Em seguida, a voluntária organizou a redação, dando um formato acadêmico a escrita. A releitura das transcrições e dos textos científicos é que direcionaram o caminho de pesquisa e escrita, construindo o tom de nossas análises. Quando necessário, fazíamos novas gravações, leituras e buscávamos mais aporte teórico.

Tanto as gravações, quanto minhas análises foram transcritas sem alterações, sofrendo posteriormente um processo de retextualização, para que ficasse de acordo com as exigências de um trabalho científico, embora o esforço seja pela tentativa de conservar ao máximo as narrativas.

Foram muitas as dificuldades encontradas. Porém, este trabalho foi construído a muitas mãos em que contei com a colaboração de minha orientadora, bolsistas e duas voluntárias integrantes do NEES, já citadas. Essa interação entre nós permitiu inclusive delinear as formas e procedimentos na escolha do método história de vida. Ancorada em Glat e Pletsch (2009), esta metodologia vem ganhando espaço nos estudos na área da educação especial, pois permite observar as pessoas como seres sociais, se constituindo na relação que estabelecem e são percebidas pelo outro. Em meio a ações qualitativas, as autoras procuraram captar as maiores necessidades e dificuldades que diariamente são enfrentadas por pessoas que necessitam de atendimento especial. Os métodos encontrados por Glat e Pletsch (2009) estão voltados para o conhecimento da experiência pessoal dos sujeitos; propõem o estudo individual das histórias dos indivíduos a serem compreendidos, através de uma análise de fatos verídicos sobre as dificuldades enfrentadas, por eles, no ambiente social. Ressaltam a importância das diferenças do cotidiano entre os seus entrevistados. Portanto, analisar os dramas vivenciados por cada

um deles poderá formar um ambiente de confiabilidade entre os docentes e seus alunos. As afirmações em seus relatos evidenciam as necessidades de acompanhamento interpessoal para com os deficientes visuais, procurando a produção de condições necessárias para o seu desenvolvimento no cotidiano. As autoras apontam como fonte dos dados os relatos de história de vida do sujeito, sem roteiros prévios, ou com a preocupação de recorrer a outros mecanismos para dar veracidade aos fatos. O que está em questão é a visão do autor (o entrevistado) sobre o mundo, são suas impressões pessoais sobre os acontecimentos vividos, dando a ele o lugar de protagonista de sua pesquisa. Esse lugar é adquirido “pela maneira como eles selecionam, interpretam, valorizam e transmitem suas experiências de vida” (GLAT; PLETSCHE, 2009, p. 143).

Falta agora uma síntese de cada capítulo

1. CONTEXTO HISTÓRICO E POLÍTICAS PÚBLICAS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Segundo Vilaronga e Caiado (2013), o processo de escolarização dos deficientes visuais no Brasil apresenta singulares processos de acesso à educação para a pessoa com deficiência mesmo com políticas e legislação definidas na área. Deste modo, nos últimos anos os Estados e municípios se sensibilizaram e se organizaram de diferentes formas através de distintas propostas educacionais para o aluno com deficiência, mostrando assim preocupação com essas pessoas e com sua aprendizagem no âmbito escolar.

Analisando as políticas públicas para as pessoas com deficiência compreendemos três etapas bem distintas, que não são complementares e que coexistem atualmente: a fase tradicional, relacionada à caridade, em que a pessoa com deficiência é objeto de assistencialismo, sendo considerada não produtiva e incapaz; a fase reabilitatória, na qual a deficiência é entendida como problema individual, caracterizada pelo estereótipo da “anormalidade”, da busca pela cura com a intervenção de especialistas clínicos; e a fase da autonomia pessoal, definição da vida independente, que se inicia a luta pelos direitos das pessoas com deficiência.

O contexto histórico da Educação Especial no Brasil está marcado pelo discurso da filantropia, no caráter assistencialista das ações do setor público e privado, que atribui à sociedade, a responsabilidade em relação às pessoas com deficiência, em detrimento da garantia de políticas públicas.

Podemos observar que prevalecem três grandes vertentes dentre as concepções que orientam as práticas de educação formal das pessoas com deficiência no Brasil: as práticas que se focam na manifestação orgânica da deficiência, procurando meios de possibilitar-lhe a vida, tentando a capacitação da pessoa com deficiência para a vida na sociedade; as práticas que procuram estabelecer conexão entre a deficiência e o contexto em que ela se situa, enfatizando o outro lado da deficiência; as práticas que procuram considerar os dois lados da questão: a complexidade do indivíduo num momento histórico específico, pensa a educação como momento de mediação, condicionada pelo contexto socioeconômico, político e cultural, mas com autonomia relativa capaz de atuar na transformação desse contexto.

Atualmente as práticas que se apresentam defendem a qualidade de ensino aos alunos com deficiência, nesse intuito, a equipe escolar e os teóricos da educação enfatizam o aprendizado de conhecimentos necessários para o exercício da cidadania, supõe-se que os profissionais da educação na escola estejam atentos às dificuldades de cada aluno e que encontrem meios para a apropriação do conhecimento escolar e participação social.

O amparo legal dessa concepção é a Constituição Brasileira de 1988, as pessoas com deficiência conquistam a garantia dos direitos sociais. Porém, com o sistema neoliberal no país, a partir da década de 1990, a educação especial passa a ter marcos legais fundamentados no slogan da “Educação para todos”. A Conferência Mundial de Educação para Todos e a Declaração de Salamanca foram os movimentos que impulsionaram as discussões e as políticas sobre o acesso à escola para as pessoas com deficiência. De tal modo, a educação especial ganha então destaque nesse contexto e passa a ser reconhecida como uma modalidade de ensino, a qual deve ser oferecida preferencialmente na rede comum de ensino.

Mesmo com discurso que defende uma educação para todos, não existiu precisão, coerência e clareza na política educacional direcionada à pessoa com deficiência, estando em desacordo com as pesquisas e posições teóricas defendidas, distanciando a educação vivenciada da almejada pelos brasileiros. Destaca também, que houve um aumento significativo de matrículas de pessoas com deficiência, o censo escolar mostra um crescimento de 107%, sendo da educação infantil ao ensino superior. Dado que ilustra o acesso dos alunos com deficiência ao sistema educacional, mas que não retrata empiricamente que os alunos têm tido acesso ao conhecimento e ao aprendizado dos conteúdos escolares, porque o sucesso da implementação de políticas públicas não se representa somente por números (VILARONGA; CAIADO, 2013)

Segundo as autoras o sucesso da implementação de políticas públicas pode ser constatado por três condições educacionais: a democratização do acesso e da permanência dos alunos nas escolas, em números, tendo como referência o atendimento para todos; a qualidade do ensino como uma variável da permanência, onde o aluno classifica ou desclassifica a escola; a gestão democrática, que permite conceituar a escola como “boa” ou escola para e de todos. Porém, mesmo com as mudanças políticas e com os novos e muitos documentos produzidos na área, a crença na incapacidade e na falta de potencial das pessoas com deficiência, são fatores que impede mudanças nos processos de escolarização na direção do direito pleno à escolarização da pessoa com deficiência.

1.1. O INGRESSO DO DEFICIENTE VISUAL NO ENSINO SUPERIOR

Na perspectiva de apresentar alguns resultados do processo de ingresso dos deficientes visuais no ensino superior vimos refletir como se deu este movimento inclusivo e as políticas públicas que contemplam como ações afirmativas.

É importante ressaltar o debate que surge nos campos da cultura, ciência, política e da pluralidade com o ingresso das pessoas no ensino superior consolidam em novos paradigmas, propiciando a inclusão de novos sujeitos. Na atualidade tal situação vem rompendo com o contexto histórico anterior, em que esse sujeito era quase inexistente e desconvidado a galgarem esse nível de ensino.

Diante das exigências do sistema neoliberal que quer competências e habilidades de pessoas com força de trabalho produtiva, cooperativa, autônoma e comunicativa, como também, as próprias reivindicações de garantia dos direitos defendidos pelos os movimentos de luta de sujeitos marginalizados destacam-se a necessita de ampliação da escolaridade cada vez mais.

Portanto, esses fatores estimulam os grupos menos favorecidos a buscarem o ensino superior na tentativa de uma ascensão e mobilidade social, desencadeando em criação de políticas públicas que atenda a necessidade das clientelas, neste caso especificamente a inclusão de pessoas com deficiência visual.

Para discutir sobre a inclusão educacional no Brasil é preciso conhecer o percurso desse movimento, e além disso é necessário observar a inclusão da pessoa com deficiência nos espaços sociais, pode-se tomar como partida a inserção gradativa nos níveis de escolarização. Haja vista que somente a inserção não remete a inclusão, mas, integração, portanto, são as oportunidades sociais e educacionais que designa a equiparação dos os sujeitos.

Os registros do século XIX tem como marco o atendimento às pessoas com deficiência em espaços segregados, foi evidenciado em virtude dos lugares serem afastados do sistema comum a todos, e na educação, porque quanto maior for o atendimento especial, assim, elevado é o potencial da integração. Contudo, houve avanços para a educação especial.

Desde os anos 90 são visíveis os progressos para a educação de pessoas com deficiência, contudo, ainda hoje se constata fragilidade em relação ao atendimento desses

sujeitos. As iniciativas são constantes na educação básica e no ensino superior quase inexistente, que na maioria das vezes fica como responsabilidade das próprias pessoas com deficiência que o almeja.

No Brasil, as pessoas com deficiência ingressaram no ensino superior na década de 80, a partir da determinação do Ano Internacional da Pessoa com Deficiência (1981) e da instituição da Década das Nações Unidas Para a Pessoa com Deficiência (1983-1992), que provocaram um olhar sobre a exclusão social sofrida por estas pessoas. Entretanto, não se ofereciam adaptações e/ou apoio educacionais, então só conseguia êxodo aqueles que não precisavam desse apoio (RODRIGUES e CHAVES, 2012).

Essas discussões vêm ganhando mais proporção, fazendo com que haja mais envolvimento social e respectivamente provocando novas políticas públicas, o exemplo de tal ação são as afirmativas, que são direcionadas com intuito de diminuir e/ou controlar as desigualdades que distanciam um expressivo número de pessoas do desenvolvimento humano.

As ações afirmativas tomadas como conjuntos de medidas para solucionar discrepância nos níveis sociais trazem benefícios às pessoas pertencentes a grupos discriminados e vitimados pela exclusão social, portanto, tornam-se extremamente necessárias para o desenvolvimento tecnológico, intelectual, econômico e educacional para harmonia da sociedade. Dentre estas ações surgem às políticas inclusivas, que diz respeito à inclusão educacional de pessoas com deficiência em todos os níveis de escolarização, neste caso enfatizaremos o ensino superior.

Rodrigues e Chaves (2012) abordam sobre o movimento das pessoas com deficiência visual no estado do Piauí, como também, as relevantes contribuições na educação desses sujeitos. Falam que o ingresso da primeira pessoa com deficiência visual no ensino superior aconteceu nos anos 80, no século XX. E destacam que ter acesso ao ensino superior não significava o apoio imediato, de modo que as necessidades educacionais fossem supridas aos alunos com deficiência visual.

Rodrigues e Chaves (2012) trazem uma discussão sobre o ensino superior no contexto inclusivo, e afirmam que a inclusão de pessoa com deficiência visual no ensino superior vem se fortalecendo com decorrer das exigências que o sistema capitalista impõe para sociedade. De tal modo, a qualificação tonar-se fundamental, e como possibilidade para essa designação é o ensino superior, que nos últimos anos vem se ampliando significativamente e incorporando pessoas que até então, não faziam parte desse grupo.

O estudo de Rodrigues e Chaves (2012) procura contemplar como se deu o processo de inclusão dos alunos com deficiência visual no ensino superior na Universidade Federal do Piauí, destacam que tem como interesse conhecer essa realidade pouco estudada. A pesquisa teve como participante uma pessoa com deficiência visual, perda total da visão do sexo masculino, com 80 anos de idade graduado em pedagogia e pós-graduado em nível de especialização em gestão escolar.

Rodrigues e Chaves (2012) destacam em sua pesquisa que as pessoas com deficiência ingressarem no ensino superior após algumas dificuldades. No caso dos deficientes visuais diante dos obstáculos vivenciados, como locomoção, ou seja, o acesso físico de um lugar para outro, a precariedade do transporte público, a falta de materiais adaptados e o apoio técnico especializado, impulsionou a organização de um movimento de luta no estado do Piauí, que culminou em uma associação, com o objetivo educar, socializar, criar oportunidade de trabalho e atuar como facilitadora para acessão da vida social dos sujeitos, com perspectiva de melhores oportunidades.

Como entrave na Universidade Federal do Piauí, segundo os autores, destaca-se o posicionamento dos professores, os quais tinham como alegação a ausência de formação para atuar junto aos alunos com deficiência visual, fundamentavam a justificativa que o preparo não era para o perfil do aluno. Diante dessas dificuldades, os alunos trancavam a matrícula, uma vez, que a universidade não tinha estrutura para prestar os serviços aos alunos e nem esboçava preocupação em atendê-los. Também descreve que para ocorrer à permanência dependia dos movimentos sociais, nesse caso a ACEP, como instituição que tornava visível a participação efetiva da inserção da pessoa com deficiência visual, nos sistemas educacionais (RODRIGUES e CHAVES, 2012).

Rodrigues e Chaves (2012) que o inadimplemento das condições nas faculdades não é só do Piauí, mais de outros estados, pois se percebem a falta de acessibilidade nas universidades para a pessoa com deficiência. Portanto, há descumprimento institucional para a inclusão do aluno com deficiência visual no ensino superior, em que as responsabilidades de ingresso e permanência ficam para os candidatos, estabelecendo implicitamente limites intelectuais para que as pessoas possam atingir. Nesse caso, o ensino superior remete ao patamar de utopia e desafios, fazendo se responsabilizem pela sua própria inclusão.

2. A CONTRIBUIÇÃO DE VIGOTSKI À EDUCAÇÃO DA PESSOA CEGA

Analisando os estudos de Vigotski sobre a defectologia há contribuições para as intervenções e apontam subsídios para a educação de pessoas com deficiência, também, podemos observar que tem o intuito de entender o desenvolvimento psicológico, ou seja, do surdo e do cego, de como ele evolui no seu comportamento humano e de ordem prática. Nuernberg (2008) relata significativo crescimento de produção científica brasileira vigotskianas na pesquisa educacional, como um processo de renovação da obra do autor que transcende os conceitos iniciais e de investigações. Existem vários conceitos para cada autor e aponta como problemas existentes, devido a limitação de pesquisadores por ser um quantitativo menor de pessoas entendidas sobre o assunto da obra de Vigotski, e outro, a tradução por ser texto científico.

Vigotski era russo, nasceu em 1896 e morreu em 1934, o seu referencial teórico é explorado por diversas questões educacionais. No Brasil a difusão dos textos do autor foi no início da década de 1980, com o estudo da relação desenvolvimento e aprendizagem. Os argumentos sobre o papel da educação no desenvolvimento psicológico e a interação social são constantemente resgatados pelos pesquisadores da educação com discussões sobre as interpretações dos escritos, assim sendo, há opiniões diferentes entre os autores. A partir do momento em que se tem conhecimento do texto, apresentando ponto importante, seu questionamento poderá existir discordâncias entre os pesquisadores, pois cada um desses tem a sua própria interpretação, tendo um conhecimento literário, não fazendo dessas opiniões pontos negativo e sim positivo, trazendo assim novos questionamentos e novas compreensões e produções textuais. Contudo, prevalece conceitos pouco explorados na literatura nacional os quais permitem pensar uma proposta de intervenção educacional para pessoas com deficiência, especialmente o visual.

Os estudos de Vigotski abordam sobre o desenvolvimento do pensamento humano, ou seja, como um todo, a mente e o corpo, também, se debruça para descobrir o desenvolvimento do surdo e do cego a partir da sua interação social, de modo que se ampliou os novos conhecimentos e como o processo de desenvolvimento se evoluem, ou seja o psicológico ou do desenvolvimento humano das pessoas com deficiência.

As principais ideias de Vigotski com respeito ao desenvolvimento e educação da pessoa com deficiência estão a partir de três princípios, o primeiro é o modo quantitativo e qualitativo que critica e rejeita as análises voltada a mensuração de graus e níveis de incapacidade da pessoa com deficiência, propõe que seja superada qualquer noção da pessoa com deficiência relacionada ao conceito de normalidade. O aspecto qualitativo da deficiência procura investigar como se dar o funcionamento psíquico e a condição de desenvolvimento.

Para Vigotski o que importa é a qualidade de ensino para essas pessoas com deficiência, pois a sua capacidade de aprendizagem é possível independentemente da deficiência, é notável em suas pesquisas que o modo quantitativo é indispensável, pois a pessoa com deficiência é capaz de desenvolver outros sentidos tornando assim uma pessoa com condição de aprender. Cada pessoa com deficiência apresenta um desenvolvimento diferente, o cego e o surdo têm possibilidades de aprender como qualquer outra pessoa, ou seja, aprendendo de várias maneiras os conteúdos escolares apresentados em sala de aulas, o professor precisa saber qual o nível de aprendizagem desses alunos, assim, ensinar a partir do nível de desenvolvimento.

No segundo princípio relata sobre a deficiência no aspecto primário e secundário. O que se vincula a deficiência primária é que se relaciona ao corpo, ou seja, as limitações de ordem orgânica biológica, secundária as condições criadas socialmente pelo contexto cultural, que é construído a partir do padrão de normalidade, como as barreiras físicas, educacionais e atitudinais para a participação social e cultural da pessoa com deficiência. Com base nessa discussão, Vigotski traz críticas às concepções de modelos de segregação social e educacional, limitação intelectual e sensorial que são impostas às pessoas com deficiência que, por sua vez, resulta em restrição ao desenvolvimento, onde ficam condenadas aos limites inerentes à deficiência biológica. Pensar o sujeito a partir da condição orgânica é restringir sua capacidade de interação social e de superação, portanto, é necessário criar oportunidades de desenvolvimento.

As possibilidades de desenvolvimento da pessoa com deficiência diante da condição orgânica seguem na direção da compensação social das limitações e funcionalidade do corpo, não se trata de afirmar que uma função compense outra prejudicada, ou que a limitação numa parte do organismo resulte na atrofia de outra.

Para Vigotski a compensação social consiste em uma reação do sujeito diante da deficiência, com o intuito de superar as suas limitações com o auxílio de recursos de tecnologia assistiva como alternativas de acesso ao conhecimento, que é uma realidade de que as pessoas cegas dispõem.

E através da educação torna-se possível criar oportunidade para que a compensação social seja concretizada de maneira que promova o processo de aquisição de conhecimento cultural pelas pessoas com deficiência. A concepção de Vigotski sobre compensação do corpo são as vias de alternativas que são criadas a partir dos outros sentidos, tornando-os capazes de se apropriar dos novos conceitos e de superação no meio social e do próprio desenvolvimento, rompendo com o conceito de impossibilidade.

A preocupação de Vigotski com educação de pessoas com deficiência se destaca no conjunto da obra com o intuito de compreender o desenvolvimento psicológico do surdo e do cego, procurando saber como o processo humano se desenvolve. Vigotski fala que cada aluno tem o seu próprio desenvolvimento que é diferente um do outro, e no caso do deficiente visual segue a mesma concepção, pois defende que a pessoa com deficiência consegue desenvolver como os demais alunos, o diferencial são as metodologias de ensino que envolve a todos, sem deixar o aluno com deficiência isolado no processo de ensino e aprendizagem.

Nos estudos de Vigotski sobre deficiência intelectual, visual e surdez retrata sobre as expectativas de desenvolvimento e o uso de outras linguagens para aquisição de conhecimento de maneira diferenciada. As pessoas entendem que oitenta por cento da aquisição do nosso conhecimento resulta da do sentido da visão, em oposição a esse entendimento, Vigotski diz que o nosso conhecimento é a partir das relações sociais que são estabelecidas. E a maioria dos estudos atuais sobre a educação da pessoa deficiente visual está amparada na teoria vigotskiana, que resgata esses argumentos para suas fundamentações e análises.

Ao direcionarmos a discussão sobre a deficiência visual percebemos que se constitui uma preocupação de Vigotski sobre o desenvolvimento psicológico e a educação dos mesmos, que traz uma negação de conceitos de compensação biológica do tato e da audição em virtude da cegueira, e coloca o processo de compensação social centrado na capacidade da linguagem de superar as limitações produzidas pela impossibilidade ligadas à experiência visual. Portanto, afirmamos que o conhecimento não é produto dos

órgãos sensoriais, embora estes possibilitem vias de acesso ao mundo, mas, é o resultado de um processo de apropriação que se realiza nas relações sociais.

As funções psicológicas superiores são as relações em que o sujeito vincula o pensamento conceitual com o universo sociocultural, através da memória mediada, a atenção e a imaginação, os sistemas funcionais existentes. Os conceitos referentes à experiência visual são construídos por meio de analogias, em que o fundamento lógico do pensamento toma como base o corpo em seu sistema psicológico.

No que tange à educação de pessoas deficiente visual são as propostas centradas na estimulação dos sentidos remanescentes para o funcionamento psicológico superior: atenção concentrada, memória mediada, imaginação, pensamento conceitual, entre outras, o desafio é ir além da aquisição do conhecimento pautada no desenvolvimento comum a todos, mas, que seja em regra mediado em superação dos limites impostos pela cegueira, ao dar acesso àqueles conceitos pautados pela experiência visual. De tal modo, haverá promoção do sujeito a apropriação do conhecimento e o desenvolvimento de competências que resultem em sua autonomia.

Com base nesse tipo de intervenção educativa, as pessoas cegas desenvolvem alternativas para atuação na realidade, através do uso de formas de percepção funcionalmente equivalentes à visual, mesmo tendo por base significações que conferem às sensações corporais e às pistas ambientais um papel diferenciado daquele desempenhado na condição vidente. A conquistar das outras vias são em razão de suas necessidades educacionais específicas, como por exemplo, a aprendizagem da simbologia Braille para aquisição da escrita e da leitura das palavras.

Ressaltamos que o objetivo da educação de pessoas com deficiência visual deve ser o mesmo das pessoas videntes, cabe oferecer aos alunos as mesmas oportunidades e exigências que são proporcionadas ou feitas aos demais alunos.

3. AS MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA (CATEGORIZAÇÃO E ANÁLISE)

Fruto da realização de um trabalho coletivo, para a organização deste capítulo analítico contei com a colaboração de minha orientadora, uma bolsista e duas voluntárias integrante do grupo de estudos do NEES que se somam a outros personagens ao longo de minhas narrativas, assumindo neste texto nomes fictícios. Na escrita, utilizamos às vezes primeira pessoa do singular (quando a fala é minha) ou do plural, quando envolve as outras participantes.

Como anunciado anteriormente, a organização das técnicas desenvolvidas contou com as gravações que se dividiram entre os espaços do CAP e do NEES, no espaço de duas semanas. Utilizando o recurso tecnológico de um sistematizador de voz instalado no computador, foram realizadas as gravações e transcrições em um período aproximado de três semanas. As narrativas eram transcritas na totalidade e transformadas em textos; posteriormente ocorria a leitura dos registros, tanto com o auxílio do Dosvox quanto da bolsista e voluntárias como leitoras.

A primeira gravação ocorreu no CAP sobre a colaboração de uma integrante do grupo de pesquisa, que atende pelo nome de Sofia. Embora tudo colaborasse para que eu não tivesse dificuldade ao narrar minha própria história, não foi bem assim que aconteceu. O ambiente das gravações não me era estranho, afinal, frequento o espaço do CAP desde o ano de 2007. Além disso, eu e Sofia já tínhamos bastante intimidade, adquirida desde a época do cursinho pré-vestibular. O ambiente tinha sido cuidadosamente organizado para que eu ficasse bem à vontade. Por fim, estávamos apenas eu e ela em um espaço reservado, bastante silencioso, mas as memórias inicialmente me escaparam.

Não sei explicar os motivos, mas as palavras me faltaram, sendo necessário contar com os estímulos de Sofia. Por diversas vezes ela conversou comigo, tentando fazer com que eu retornasse as particularidades do início de minha trajetória escolar. Não tive receio em expor minha vida, talvez estivesse tensa apenas com a melhor forma de narrar os episódios que vivi.

Demorou um pouco, mas ao final da tarde, já tinha contado toda minha vivência no ensino fundamental, chegando até o 5º ano. Em seguida, Sofia repassou a gravação para Emanuele (bolsista do NEES), que ficaria com a tarefa de transcrever na íntegra tudo aquilo que eu havia contado. Com o material pronto, o segundo passo foi eu e Sofia nos

reunirmos para que ela pudesse fazer a leitura. Ao me deparar com o texto escrito, fui contagiada por uma sensação muito boa. Pela primeira vez minha história poderia dialogar com outras histórias. As pessoas saberiam das minhas experiências, frustrações, enfim, minha vida como deficiente se tornaria pública, sendo esta ideia bastante atraente.

Neste movimento de ouvir as transcrições, identificamos alguns dispositivos que nos fizeram organizá-los agrupados em categorias de análise. Sendo assim, chegamos à divisão das categorias a partir da seguinte ordem: 1) primeiras aproximações com a deficiência (em que destaco a experiência de deixar de estudar em tinta e passo a utilizar a escrita Braille); 2) concepções de deficiência (em que emergem no discurso de outros a crença e descrença sobre a capacidade associada ao deficiente) e 3) práticas pedagógicas (em que ressalto a falta de princípios inclusivos no planejamento do professor para trabalhar com os alunos deficientes).

Talvez o exercício de trabalhar com as categorias e análises tenha sido o mais denso. Por diversas vezes tínhamos que reler todos os fragmentos de minhas narrativas para que eu pudesse recobrar as lembranças do que eu estava querendo dizer. Imprimindo um ritmo próprio de trabalho, fui descobrindo as dificuldades de produzir pesquisa ao articular minhas memórias escolares com os teóricos da área da educação especial e ainda produzir análises em cima destas histórias.

Muitas vezes pensei que estava reproduzindo uma ideia que já estava posta. Em alguns momentos, cheguei a acreditar que não tinha mais nada a dizer. Fiquei dividida entre o entusiasmo que era tornar público minhas experiências, ao mesmo tempo surpresa de como minha história era semelhante às demais vivenciadas por outros alunos deficientes.

Dito isto, retomo as categorias de análise em que organizamos o texto, recordando que elas não estavam previstas antecipadamente, forma surgindo à medida em que líamos, ouvíamos e analisávamos a história contada por mim.

3.1. PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES COM A DEFICIÊNCIA

Minhas primeiras memórias remetem ao processo de como foi perder a visão, recaindo sobre aproximar-me das questões da deficiência. Ainda que já tivesse vivenciado a experiência na família, através da perda da visão de minha irmã, esta categoria permitiu que eu relembresse momentos que marcaram essa transição. Ao analisar fragmentos de minha fala, identifiquei que as mudanças que fizeram com que eu assumisse a condição

de deficiente, iniciam pela experiência dos lugares físicos que ocupamos no mundo, aqui representados pelas trocas contínuas que se faziam necessárias no espaço da sala de aula para que eu pudesse enxergar melhor. Logo, me reconhecer enquanto deficiente perpassa por um processo de adequação individual, que além de lidar com as mudanças do corpo (dificuldade de enxergar), tinha que lidar com uma readequação dos meus limites geográficos que foram sendo fortemente demarcados conforme o avanço e grau de exigências das séries. Do fundo da sala, fui ocupando outros assentos e mais que isso, assumindo meu lugar de deficiente que necessita estar evidenciado.

Bom, comecei a estudar entre 4 ou 5 anos. Morava em Imperatriz, não me recordo o nome da escola. Comecei a estudar no jardim I, sempre quando eu ia à escola achava bom, era muito bom. Não tinha deficiência nenhuma, até o momento não havia sido detectado nada. Estudei jardim I e jardim II em Imperatriz. A primeira e segunda série também na mesma cidade, até que teve um momento da vida que tivemos que mudar para Marabá. Em Marabá, estudei na escola Fazendinha, quando eu vim não tive problema devido a essa mudança de escola, considerando que sempre um Estado é mais avançado no ensino que o outro. Saí de uma escola pública em Imperatriz e vim estudar numa escola particular em Marabá, a escola era A Fazendinha. Quando entrei na escola não tive dificuldades na aprendizagem e no ensino e estava até um pouco mais avançada. Localizava-me dentro da sala de aula sempre no fundo, gostava muito de estudar no fundão, ficava sempre no fundão, tagarelava muito, era conversadeira, mas conseguia dar conta do recado que era de aprender as disciplinas. Então, da segunda pra terceira série comecei a notar algumas dificuldades, que era de enxergar no quadro. Falava para a professora e ela me colocava sempre mais na frente. Naquela época não sabia que era deficiente, mas pra mim o melhor lugar era sentar no meio, sempre no meio, porque ali eu via todo o quadro e não tinha dificuldade pra enxergar. Se eu sentasse nas laterais, já era um pouco mais difícil de perceber o que estava escrito no quadro. Foi na terceira série que eu tive um pouco de dificuldade, comecei a tirar algumas notas baixas devido a sentar no meio, estava enxergando pouco, enxergava pouco [...] Então, quando chegava um colega e sentava na minha cadeira, eu dizia a ele: " aí meu lugar e eu tenho que sentar aí porque se não, não enxergo", então sentava sempre nas primeiras cadeiras (SILVA, 2015 ls. 1-30).

Como se não bastassem às dificuldades de visualizar no quadro, elas se estenderam para as leituras dos livros em razão da deficiência estar mais avançada. E assim, a cada série que eu avançava as disputas pelo melhor assento se tornava frequente. Nesta época, dentro da sala de aula, não me recorro de contar com o apoio de outras pessoas. Esta ausência talvez se justifique devido minha inexperiência ou timidez em solicitar ajuda, tanto ao professor como aos colegas.

Quando cheguei à quarta série, conforme o professor, ele dividia o quadro em três. Então, cada lado que o professor ia escrevendo eu mudava. Eu ia pra uma carteira do canto, se ele estava no meio. Ia pra carteira no meio, se era no outro cantinho. Sentava na lateral lá, e aí o professor não implicava e os colegas reclamavam: sai do meio está me atrapalhando! Não, mas eu tenho que escrever. Deixa eu escrever... já estava sentando nas primeiras carteiras e as vezes ainda me levantava pra perguntar para o professor: “Que palavra é essa, professor”? Não estou enxergando e não estou percebendo isso que você escreveu. É a palavra tal Iara (respondia o professor). Já enxergava bem mal no livro, enxergava péssimo mesmo... e aí, às vezes quando o professor passava atividade eu enrolava. Eu escrevia coisa que não tinha nada a ver no caderno que era pra passar a atividade do livro para o caderno e chegava em casa que ia passar a limpo (SILVA, 2015 LINHAS: 45 A 57).

O diagnóstico médico também é uma das marcas que reforçam o impedimento ou as limitações de continuar o processo, causando interferências na minha história de vida. Na verdade, a escola só se sente autorizada a trabalhar com a deficiência quando passa pelo discurso do médico. Embora todos os indicativos de um mau rendimento pedagógico sejam visíveis, é apenas a partir do diagnóstico médico, que o professor se sente respaldado para trabalhar com esse aluno, comportando-se assim, de acordo com as prescrições. A questão do diagnóstico é muito forte, inclusive apresentada como uma cobrança prévia para trabalhar com o aluno deficiente. O diferencial no caso do deficiente visual é que as exigências em torno do diagnóstico só aparecem até os primeiros sintomas. Depois, a escuridão representada por algumas marcas nos olhos e/ou uso de recursos

acessíveis como Braille, bengalas, cães guias e etc., já se encarregam de confirmar nossa falta de visão.

Eu nunca tinha comentado nada, aí a diretora pediu para que a mãe fizesse uns exames de vista porque tinha alguma coisa errada, então a mãe me matriculou de novo na Fazendinha, e aí ela me levou pra Brasília, aliás, me levou no médico primeiro SILVA, 2015, ls. 61 -67).

Fala do médico: Olha, ela tem um problema muito sério na visão que eu não sei dizer o que é, dar um diagnóstico certo. Então, vou pedir pra senhora levar ela pra Brasília que lá tem um médico especializado na área, aí ele vai explicar direitinho tudo que está se passando com ela (SILVA, 2015, ls. 68-71).

As primeiras aproximações com a deficiência também me remetem as memórias do processo de alfabetização. A princípio achava que aprender o código Braille era impossível, ou melhor, foi um processo de sacrifícios que exigiu um tempo muito maior para me alfabetizar do que os alunos que enxergam. Digo isto, por que demorei dois anos para me alfabetizar em Braille, enquanto que o período estipulado nas escolas corresponde a um ano. Só agora, depois de adulta, é que percebo que com o domínio do Braille, consigo fazer as leituras, antes chatas, mas que me proporcionaram igualdades de condições. Não tenho mais dificuldades, pelo contrário, utilizar o Braille agora é prazeroso.

Conhecer o alfabeto em Braille, para mim, aquilo ali era uma coisa muito sem graça porque eu tinha saído de uma vida que antes eu escrevia, eu pintava, eu tinha e não dependia de ninguém. Eu gostava muito de pintar, até hoje eu gosto ainda de pintar cobrir com pincel o desenho, tirar o desenho, essas coisas assim... Foi muito impactante, na minha vida, eu deixar de fazer uma coisa que gostava pra fazer outra coisa que não gostava que era o Braille. Para mim, aquilo não tinha graça e eu também achava que nunca ia ler aquilo ali, porque sempre achei muito difícil ler o Braille. Com o passar do tempo, passei dois anos estudando com a Odete e não passei do alfabeto. Acabei saindo... (Ls 128 -137).

Dizia assim: Eu nunca vou ler isso! Aqui eu nunca vou aprender a ler isso! Eu acho isso aqui sem graça, a minha mão dói... (Ls159-161).

A partir do momento que ela me botou pra ler o Braille, juntar as letrinhas, tudo bonitinho como se tivesse lendo e aprendendo a ler como nós aprendemos na alfabetização é que foi a minha aprendizagem no Braille. Achava até interessante que quando nós somos crianças a gente tem esse dizer, que nós não vamos aprender a ler como os adultos hoje olham e dizem assim: Ah, eu acho que nunca vou aprender a ler porque é difícil, difícil aprender a ler e eu comparo isso com quando eu aprendi o Braille. Quando foi pra aprender o braile eu dizia a mesma coisa. Ah, eu nunca vou conseguir ler o Braile..., mas que nada, a gente foi, eu fui lendo assim e cada vez que ia lendo uma palavra e a minha professora dizia: “veja, você está lendo” (Ls. 163 -171).

Outra dificuldade encontrada passar pra outra linha, o cego vai criar os macetes de como fazer isso, criei o meu macete pra passar pra outra linha (Ls: 174 -175).

Refiro-me aos “macetes” como estratégias de aprendizagem imbricadas ao modelo médico que traz a condição do aluno com deficiência como centro do processo, dependendo dele, o esforço individual para alcançar os êxitos. Em contrapartida, corroboramos com Caiado (2013) que se forem oportunizados instrumentos pedagógicos voltados ao deficiente visual, a exemplo do Braille, o processo de ensino aprendizagem, é revertido para o campo social (externo) aos sujeitos, transcorrendo sem maiores empecilhos.

Assim o foco da deficiência se desloca de um impedimento puramente orgânico e patológico e passa a ser o da existência de barreiras sociais que impedem a participação plena na vida social. Ou seja, a criança surda não se alfabetizou porque a escola não proporcionou as condições necessárias para ensiná-la; a pessoa cega vive de assistência porque não houve preocupação social em prepará-la para o mundo do trabalho (CAIADO, 2013, p.20).

Isso significa que, a exemplo da criança surda, não há impedimentos para que o deficiente continue a estudar e realizar as atividades diárias normalmente. O que de fato

torna uma pessoa deficiente é a falta de oportunidades em garantir condições iguais para que ele possa seguir com seu objetivo.

3.2. CONCEPÇÕES DE DEFICIÊNCIA

Minhas primeiras interpretações sobre a deficiência eram algo inocente. Não causava medo, receios, até mesmo pela minha pouca idade e informações a respeito. Na época não sabia o que era deficiência, não sabia o que viria pela frente. Para mim, tudo era normal, achava que óculos já resolveriam meus problemas de vista. Não sabia que tinha a mesma coisa da minha irmã. Só após a fala do médico e as dificuldades de leitura com o uso dos óculos é que eu percebi que não adiantaria, não resolveria meu problema.

Não, não sabia o motivo de não enxergar e minha irmã já tinha sido detectada como deficiência visual. Só que minha mãe nunca imaginava que eu também teria. Então, já para o fim do ano, na terceira série, em 1989, eu lembro muito bem quando vim pra cá. Em 1990, eu fiz a terceira série na escola Fazendinha, por fim, passei para quarta com muita dificuldade. Já por causa disso, não enxergava direito no quadro e também no livro.

[...]

Não, não comentei ainda, não tinha comentado com minha família ainda a dificuldade de enxergar [...] porque eu achava que não era necessário, achava que não era nada demais aquilo ali. Devido ser tão criança, também não percebia a história da minha irmã, estava muito por fora da história, da realidade da minha irmã (Ls 32 A 45).

Identificamos também que as concepções sobre deficiência então ancoradas no discurso de três figuras centrais: o médico, a diretora e minha mãe. De modo que buscamos analisar cada um deles, articulados com as demais representações que emergem de outros personagens que se juntam a minha trajetória escolar.

Penso que na visão do médico, minhas limitações visuais eram inevitáveis, fazendo com que ele assumisse a postura de instruiu minha mãe e eu para que fosse estimulado todo e qualquer resquício da minha visão, posteriormente incorporando o código Braille como ideal.

Fala do médico: Ela tem uma deficiência visual, chama-se retinose pigmentar. Enquanto ela tiver enxergando, a senhora pode deixar ela estudando sem problema nenhum. Se ela tiver enxergando do quadro, beleza, pode continuar. Mas, o certo mesmo para ela futuramente é o Braille (ls. 73 A 76).

Devido àquela época não ter um auxílio ao deficiente visual, minha irmã não estudava e minha mãe acreditava que eu seguiria o mesmo caminho. Ela pensou até em me mandar para estudar em Brasília ou em Belém, pois percebia minha vontade. Depois, acabou mudando de ideia, pensando nos transtornos que eu causaria na casa de outros. Neste caso, diferente da minha irmã que não quis, tive afinidade com o estudo, porém poucas oportunidades.

A reação da minha mãe na época, eu não me recordo... me recordo dela falar que a minha irmã era a mesma coisa. Minha irmã tinha parado na sétima série e aí o médico falou: Ela pode continuar estudando, bora ver até onde ela vai...

Recordo-me de duas diretoras que marcaram minha trajetória escolar: uma da escola privada e a outra da escola pública. Convivi a maior parte no ensino público, o que torna minhas lembranças sobre a diretora da rede pública mais viva. No entanto, por temor a ela, não saberia afirmar quais as suas concepções de deficiência, ainda que ao analisar sua fala, encontremos resquícios de uma visão assistencialista, entrelaçada ao constante desafio da superação.

Outra observação importante é que há uma distinção na forma de tratamento do deficiente entre a esfera particular e pública. Como transitei pelos dois espaços, considero que os cuidados são maiores na escola particular, a exemplo do menor número de alunos vinculados aos espaços, o que colabora para uma atenção mais individualizada.

Diretora da escola privada: Então a diretora da escola Fazendinha disse: “vamos botar ela pra estudar e vamos te ajudar no que for preciso”. Linhas 83 a 89

Diretora da escola pública: Olha, você vai encontrar tantos alunos deficientes nessa sala. Mas, você não se preocupe com eles, porque eles estão lá só para pegar o diploma de nível médio, não se preocupe! Passe a prova! Se eles não responderem, não se importe. Simplesmente passe eles... O professor olhou para a diretora e disse: Eles são o que? Ela respondeu: São deficientes visuais. São quatro que estão lá dentro e cinco com um rapazinho que é baixa visão que só dá trabalho também. E aí o professor chegou na sala de aula, ela apresentou: são esses daqui que são os meninos deficientes visuais. A gente não sabia de nada. Quando ela saiu, ele olhou na porta e saiu. Depois de umas 2 ou 3 semanas já que dava aula para a gente, ele olhou para toda a sala e falou: Eu vou fazer um comentário sobre vocês. Primeiro eu comecei a dar aula para saber do que vocês são capazes ou não são? Se vocês realmente aprendem. E percebi que vocês aprendem! A diretora fez um comentário infeliz comigo dentro da sala da diretoria. Ela disse que vocês estavam aqui só por aprender e pegar o diploma e mais nada. Disse: Não posso fazer isso com meus alunos de simplesmente passar eles por passarem. Porque se eles tiverem o objetivo de fazer um vestibular na minha disciplina, eu quero que eles tirem nota máxima.

Ai, eu fiquei bem decepcionada e fiquei remoendo aquilo por um bom tempo. Na época estava para sair uma prova que a escola faz para testar o conhecimento dos alunos que cai todas as disciplinas. Eu não me lembro o nome da prova agora, que toda escola faz três vezes por ano e conta pontos para outras disciplinas, mas enfim... na época saiu essa prova e estava bem pertinho. Então, pensei: eu vou estudar! Eu vou estudar porque eu preciso mostrar para essa diretora que eu não estou ali para brincar, estou ali para aprender (ls. 322 -349).

Por problemas financeiros, minha mãe não teve mais condições de pagar a escola e teve que tirar tanto eu quanto meu irmão da escola particular. Nós fomos para escola pública... Foi o meu primeiro..., a primeira vez que estudei, depois de ter mais noção da vida. Foi na escola pública que a gente tem mais aquele choque, que você é mais bajulado, mais bem cuidado na escola particular (ls. 90-98).

Considero que esse esforço para demonstrar nossas capacidades, já é uma condição inerente aos deficientes. Mesmo em meio às dificuldades, recorro sempre a colocá-los em prova. Desde o início do processo de inclusão, penso que o deficiente tem que insistir. Ele tem que se preparar para quando acontecer algo, encontrar estratégias para se sobressair. Acredito que se o deficiente não assume esse tipo de postura, é muito provável que o professor não demonstre interesse por ele. Inclusive, observo que mesmo quando estamos preparados, os professores acham que não somos capazes.

Tal comportamento foi identificado por mim quando descobri minha deficiência, mas foi potencializada ao entrar no ensino médio, onde tive que conviver com alunos sem deficiência. Neste caso, fui percebendo que eu tinha que provar para o professor que eu estava ali para aprender e que era capaz. Não era permitido ignorar, ou dizer que não conseguiria, pelo contrário, torna-me vítima, não despertaria o interesse dos professores. Permaneço praticando a perseverança até os dias atuais, no ensino superior. Com certeza, o longo percurso entre a educação básica e à conclusão do ensino superior tem marcas de muita luta e superação (CAIADO, 2013 p. 25).

Diretora: vocês vão fazer a prova aqui na diretoria [...]era uma pessoa pra ler a prova pra mim e pro N. [outro aluno cego], então quando ele, o rapaz começou a ler a prova, era ele fazendo a pergunta e ele mal dava as alternativas eu já respondia, ai passava pra segunda, segunda questão ai ele mal terminava e eu já respondia, como eu enxergava ainda, um pouco, eu percebia a reação do rapaz em admirar a resposta certa, a matemática eu fazia o cálculo, tudinho certinho e batia com a que estava na prova, biologia o que eu respondia batia com que estava na prova, então tudo foi dando certo. Respondi a prova todinha, era trinta e poucas questões na época, não me recordo bem ao certo quantas questões, dois três dias depois, saiu o resultado da prova, quando eu cheguei na escola, a reação da professora, da diretora comigo era outra, ela me tratava bem só que nesse dia estava assim uma coisa fora do limite comigo, eu cheguei ela não deixou nem eu ir pra sala de aula, os resultados já estavam nas paredes. Iara vem cá, senta aqui parabéns... eu olhava pra ela e achava que os parabéns era por outra coisa

e não sabia que o resultado tinha saído e aí senta aí bora conversar, conversamos e tal aí, eu professora queria ir pra minha sala. Eu vou te levar na tua sala. Professora precisa não, pode ficar aí, não precisa, quando eu cheguei na sala meus colegas disseram assim: Eita... tu tirou a nota mais alta de toda a escola!

Na época, tinha o EJA ali na Câmara e o anexo lá no Acy Barros, eram 3 ou 4 salas no Acy Barros e 4 ou 3 salas no EJA, num total umas 7 salas, e eu tirei nota 4 a nota máxima. Agora sei porque que a diretora tá me tratando daquele jeito... eu só queria mostrar gente, que eu não quis ser melhor do que vocês eu só queria mostrar pra ela que o deficiente visual também, ele tem capacidade de aprender, que a gente não está pra brincar e aí lembrei do que o professor de geografia tinha falado, o que ela pensava da gente ele disse pra diretora. Eu saí da escola EJA e deixei essa impressão pra eles lá, que a gente não estava ali pra brincar, pelo menos eu não estava ali pra brincar, mas sim pra aprender....

Quando eu cheguei na Universidade, uma professora que já me conhecia falou aos demais professores que eles receberiam uma aluna deficiente visual. Ela disse que ficassem atentos, pois não estava estampado no olho que eu era deficiente. Disse a eles que era para tomar cuidado, porque eu não andava com bengala e que eu iria me apresentar para cada um deles na aula... (Ls. 567 -570).

Outro espaço de bastante representatividade no meu processo escolar foi o Centro de Apoio Pedagógico (CAP). Foi nesta instituição que fui acolhida e aprendi além das tecnologias assistivas, a conviver, fazer amigos, etc. Este espaço sempre me acolheu e acreditou que eu poderia estar inserida junto ao ensino comum, divergindo da concepção de muitos outros sobre ser deficiente.

E assim fui fazendo, escrevendo textos e lendo, lendo. Fui aprendendo o soroban que era matemática. Mas, eu não sabia que eu estava sendo preparada para entrar numa sala de aula. E o mais interessante, com os alunos de escolas de salas regulares. E eu não sabia que estava sendo preparada pra isso! (Ls 177-180).

O CAP representa pra mim, não só pra mim, mas creio que para todos os deficientes, a segunda casa. É o meu segundo lar. É onde são resolvidos meus problemas... (Ls 360-399).

Interessante também é identificarmos que a concepção de deficiência vai sendo construída a partir de um imaginário que cria estereótipos, que podem ser reforçados ou não, através do convívio de pessoas com e sem deficiência. Observo que as pessoas estão acostumadas a conviver em todos os lugares com pessoas sem deficiência. No caso do professor, quando se deparam com algo diferente, aparece o estranhamento e as consequências são as dificuldades para ensinar, ajudar o deficiente visual a se locomover, entre várias outras que acabam provocando o preconceito no meio social.

Para os professores eu era algo novo, nova na área. Então, tinha professores que quando eu me apresentava eles olhavam pra mim, como se dissessem assim: Onde está a deficiência dela? Por que eu não aparentava...

No meu primeiro período na Universidade tive vontade de sair e não voltar mais porque percebi que a dificuldade ia ser bem maior do que eu encontrei no ensino médio. No ensino médio os textos eram menores, no superior, me surpreendi com textos muito maiores. A rejeição dos professores era muito grande e a novidade muito forte. Eu percebia no olhar, no falar, no agir, não tinha como não perceber... (Ls: 627-635).

Com base nos estudos de Nuernberg (2008) sobre Vigotski, partimos do princípio que o comportamento social é que produz o movimento de exclusão das pessoas com deficiência, em que:

Essas limitações secundárias, portanto, são mediadas socialmente, remetendo ao fato de o universo cultural estar construído em função de um padrão de normalidade que, por sua vez, cria barreiras físicas, educacionais e atitudinais para a participação social e cultural da pessoa com deficiência (NUERNBERG, 2008 p.309).

Através de uma experiência específica com um professor na Universidade, também comecei a entender que conhecer, ter um vasto currículo e experiência com alunos deficientes, não significa garantias quanto a prática do professor. Fiquei bastante

frustrada com o descaso de um profissional que no meu entendimento, havia se preparado para trabalhar com pessoas deficientes e ignorou completamente minha presença em sala de aula.

Retomando Diniz (2007), a deficiência visual não deve ser encarada como um isolamento ou sofrimento, pois não há sentença biológica de fracasso por alguém não enxergar. O que existe, é o desafio de afirmar a deficiência corporal como um estilo de vida, levando em consideração que são os contextos sociais poucos sensíveis os responsáveis pela incompreensão da diversidade.

Cheguei na sala e me apresentei: Sou deficiente visual. Ele (professor) olhou pra mim, e disse: ah é? Respondi: Sou. E ele novamente: ah tá...O professor falou que era formado em surdez e sabia o braile, tudinho bonitinho e aí eu disse: Ah professor... beleza! Então, vou ficar tranquila. Você pode ficar tranquila (ele respondeu), não se preocupe. Com o tempo fiquei esperando, porque ele disse que sabia como trabalhar comigo. Esperei, esperei e nada. Ele olhava pra mim, mas era como se eu fosse ninguém (Ls 643-651)

Dizer que é conhecedor do código Braille e/ou de Libras, isso não significa muita coisa. Acredito que passado o impacto do diagnóstico anunciado pelo médico, a pessoa com deficiência supera e traz para uma sala de aula o que ele sabe fazer, isto é, aquilo que ele é capaz. São essas também as atitudes que precisam ser incorporadas pelo professor quando ele encontra alunos deficientes, tornando-se necessário que o professor demonstre o que aprendeu o que sabe e como pretende fazer.

3.3. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Como mencionado anteriormente, as práticas utilizadas pelos professores para lidar com a deficiência sempre me despertaram interesse. Minhas análises apontam primeiramente para as diferenças apresentadas por um professor quando ele pertence à rede pública ou privada de ensino.

Na escola particular é mais cercado. O professor tem mais cuidado e na escola pública, não! É cada um por si e Deus por todos. (Ls 98-100).

Da escola Batista eu fui estudar na escola Jonatas Athias. Na escola Jonatas Athias tive mais problemas com o professor que não tinha paciência e me colocou para fora da sala dizendo que eu estava atrapalhando a aula. Daí eu parei... não tinha mais como estudar e a minha vida escolar parou aí, na sétima série. Eu não me recordo o ano, mas eu creio que eu tinha uns 13 anos e fiquei muito tempo parada (Ls 113-117).

Entre outras, a prática também bastante utilizada pelo professor era transferir a responsabilidade do aprendizado dos alunos deficientes para os colegas de sala de aula. Isto quando ele simplesmente não ignorava nossa existência ou simplesmente anunciava não ter a menor ideia do que fazer conosco. Os colegas, em sua grande maioria, assumiam a função docente com prazer. Embora em alguns momentos tenha esbarrado com os que se recusaram a participar deste processo.

Faz isso aí fulano, faz isso aí pra ela... para eles... olha vou fazer um gráfico e fulano fala aí o gráfico para ela. Como é que é. Às vezes, o colega dizia: não professor! Acho que isso não é obrigação minha é obrigação sua. Outra coisa, quando o professor vinha com aula de física é bem complicado, o professor sempre trabalhava em grupo por causa dos meninos. Vocês vão trabalhar com eles. Se virem aí com eles. Façam eles imaginarem o cálculo, ajudem no cálculo (Ls 247-254).

Fora que o professor chega e pergunta: O que eu faço com vocês? Como eu posso trabalhar com vocês? Isto quando ele chegava a perguntar. Se não, ele se virava para o meu colega do lado. Nós sempre éramos tratados como se fossemos ninguém por alguns professores, não todos, e por parte dos colegas, eles sempre faziam alguma gracinha. Sempre jogavam uma piadinha e às vezes o professor se incomodava. Mas, não mudava. Além disso, chegava com atividade como se não soubesse que eu estava ali. Não preparava uma disciplina, assim como não adaptava o material. (Ls 260 A 264).

Independente da disponibilidade com que os colegas se dedicaram a contribuir junto ao meu processo de ensino aprendizagem acredito que eles foram fundamentais na minha trajetória escolar. Verdade é que de uma forma ou de outra, eles sempre estiveram

presentes. Caiado (2013) nos recorda ainda, que a contribuição dos colegas deve também ser vista como uma espécie de compensação, à medida que os alunos com deficiência encontram dificuldades de acessar aos materiais pedagógicos e conteúdos escolares.

Este apoio dos colegas contribuiu significativamente, uma vez que esses sujeitos não tiveram atendimento educacional especializado durante todo o percurso escolar e, por meio dessas ações, eles puderam em alguns momentos de suas trajetórias escolares ter acesso aos conteúdos e trabalhos em sala de aula (CAIADO, 2013 p. 161).

De tal modo, identifico que um dos grandes problemas em relação ao ensino de alunos com deficiência está envolto a formação docente, ou ainda, a falta de iniciativa do professor em adaptar os recursos necessários para que possamos participar plenamente das aulas e adquirir autonomia.

O que eu vou fazer contigo? Eu não sei trabalhar com você... (Ls. 613).

Nesse período, estudando com esse professor, foi onde houve filmes legendados, muitos slides e o professor não lia para mim (Ls. 651-653).

E ficava por isso mesmo. Por mais que a gente comentasse e brigasse, mas ficava sempre nessa história. Quando tinha prova, às vezes fazíamos em dupla ou então íamos para a secretaria. O professor, a diretora sempre buscava alguém para ler a prova. A prova era objetiva, então nós falávamos e a pessoa confirmava: está certo? A vantagem era essa, prova sempre objetiva. Nunca peguei uma prova que tivesse que responder alguma coisa, o professor sempre fazia prova objetiva... (Ls. 266-271).

Para mim, ler, era muito complicado. Quando o material chegava, aquela disciplina, aquele texto, já tinha passado há tempos. Às vezes eu dizia: não precisa mais nem preparar, porque o professor chegou agora com o material. Até chegar para mim de novo já foi tempo, já passou... (Ls. 273-277).

Penso que a chave da aprendizagem do aluno está centrada no professor. Por esta razão, defendo que o professor deveria ter uma formação para ensinar o deficiente, oportunizando melhorias para todos os alunos, com ou sem deficiência. Não tenho

dúvidas que uma das minhas maiores dificuldades no percurso escolar, esteve relacionada à formação dos professores. Concordo que na ausência de uma formação específica, é bem mais simples ensinar o aluno que não tem deficiência. Mas, sempre questionei a inabilidade do professor em não procura outro método para ensinar o aluno com deficiência.

Assim, considero que a partir do momento em que o professor tiver essa preocupação, conseqüentemente o aluno com deficiência não enfrentará dificuldades quando avançar para outra série. Sendo trabalhadas corretamente as disciplinas e os conteúdos dentro de um tempo hábil, os alunos poderão prosseguir para as demais séries sem entraves.

Compreendo também que a falta de iniciativa do professor em relação aos alunos com deficiência ocorre pela ausência destes alunos em sala de aula. Como o professor não convive com alunos deficientes, ele utiliza sempre a mesma didática. Portanto, quando aparece um aluno com deficiência ele continua reproduzindo as mesmas práticas e resiste às mudanças. Logo, este comportamento adotado pelo professor sempre acarretou muitos prejuízos e incômodos, desencadeando atrasos no ensino dos alunos deficientes quando comparados ao desempenho dos demais alunos, isto é, perpetuando as desigualdades.

É claro que o comprometimento do professor sofre variações, estando a encargo dele a identificação com as questões da deficiência. Até porque, a formação na área da Educação Especial, não garante a prática pedagógica inclusiva. Por diversas vezes, os professores que fizeram cursos direcionados, não conseguem aplicar estes conhecimentos na prática. Quando questionados, as desculpas mais comuns para justificar o despreparo são a falta de tempo e o esquecimento de ter um aluno com deficiência inserido na sala de aula.

Corroborando com Michels (2006), incorporo a ideia de que a formação docente com foco na inclusão é o elemento-chave para a mudança na escola. No entanto, Atendo-se as minhas memórias, destaco apenas um professor do ensino comum que mesmo sem formação específica, conseguiu realizar um trabalho comigo e outros alunos com deficiência visual.

As gravações eram feitas num lugar reservado, num cantinho da escola. Eles escolhiam lugar bastante silencioso. O professor lia a apostila e explicava tudinho. Nós (deficientes visuais) gravávamos e depois íamos para casa. Ouvíamos aquele pouco que tínhamos gravado e voltávamos para fazer a

prova. Naquele tempo só existia aquele gravador pequenininho, não era tão avançado como é hoje. Mas, conseguimos fazer todas as disciplinas, todas as matérias assim. Fazendo esse intercâmbio: lendo a apostila, levando para casa e estudar, uma semana depois vínhamos fazer a prova. O conteúdo de matemática ele fazia ampliado para mim. Os cálculos que existiam, para o José era em Braille ou no Soroban e algumas coisas para mim também seguiam a mesma ordem. O conteúdo de Biologia, o professor fazia com que a gente imaginasse o gráfico que existia, porque biologia tem muito gráfico! Ele era um cara muito bacana, um professor muito bacana mesmo. De uma paciência assim, maravilhosa! Ele leu não sei quantos livros para gente. Leu muito, muito, muito mesmo. O professor nos ajudou bastante e assim nós ficamos um ano e dois meses. Foi o tempo certinho de entrarmos para fazer o ensino médio. Começamos a estudar em janeiro e em fevereiro do ano seguinte nós já estávamos prontos para fazer o ensino médio. Entramos com a turma sem perda de tempo (Ls. 218-233).

Recordo-me ainda que a falta de formação ou interesse dos professores fez com que eu e muitos alunos com deficiência visual conseguíssemos avançar pelos próprios esforços. A ausência de uma interação entre professor e alunos com deficiência é constante, o que contribui para que os colegas de classe ocupassem o papel do professor. Interpreto ser este o motivo que impede as mudanças docentes, em que só quem aprende neste processo é o colega que se propõem a interagir e não o professor.

Assim de todas as formas com o professor te excluindo, fazendo com que você não fosse ninguém, aprender os textos, as disciplinas... muitas coisas foram passadas por cima, muito por cima... superficial. Nossa! Muito difícil. O que eu aprendi foi porque eu busquei, ou então os meus colegas me ensinaram, até agora no ensino médio. E é isso, sempre buscando aprender (Ls. 312-316).

A professora Margarida, lá do Rio Grande do Sul. Foi ela quem me deu a disciplina de Filosofia. Me apresentei para ela e disse que eu tinha deficiência visual, tudo bem! Sentei e ela ficou sentada lá no cantinho dela. Aí ela passou uma atividade para fazermos um texto falando sobre a nossa

história de vida. Eu não me recordo o nome do texto que ela mandou nós fazermos. Ela simplesmente não me deu atenção e não me assessorou em nada. Não me falou nada. E ali ela ficou, no cantinho dela e eu no meu. Todo mundo da sala fazendo as atividades (uma sala com quarenta alunos, só dois homens e o resto do pessoal mulheres). Alguns olhavam para mim preocupados porque eu não estava fazendo nada e nem a professora se locomovia para fazer nada. Então o que eu fiz... porque eu me senti incomodada naquela situação de todo mundo fazendo seus trabalhos e eu ali parada. (Ls. 574-584).

A maioria dos professores pensa que a pessoa com deficiência não é capaz e que não enxergar é um empecilho para prosseguir. Todavia, o descrédito nas capacidades dos alunos com deficiência não fica restrito apenas aos professores, estende-se também entre os médicos e familiares.

Percebo que os médicos ainda exercem bastante influência entre os familiares de pessoas com deficiência. Isto significa que dependendo do diagnóstico e prescrição do médico, dificilmente a família acreditará nas potencialidades, na superação dos limites da pessoa com deficiência. Já presenciei situações em que a descrença do médico fez os familiares reduzirem a vida do deficiente visual ao ambiente familiar, ou melhor, a um cantinho da casa.

Neste sentido, a deficiência é concebida através de uma tríade médico-família-professor onde são determinadas as condições de existência das pessoas com deficiência. Sendo assim, por não se acreditar na capacidade de aprender das pessoas com deficiência, não lhe são ofertadas condições para superarem suas dificuldades (NUERNBERG, 2008 p.309).

Atualmente existem políticas públicas que garantem os direitos das pessoas com deficiência, mas na prática elas não se concretizam. Na realidade, o discurso da inclusão imerso a tais políticas inexistem devido à falta de preparo da escola e/ou em razão do isolamento social vivenciado por grande parte dos deficientes que acabam desconhecendo seus direitos. Por isso, o ponto de partida para as mudanças socioeducativas e a efetivação das políticas públicas deve estar centrada na formação de professores para contribuir junto a este processo.

[...] Para tanto, o Estado deverá empregar professores, inclusive professores com deficiência, com formação específica e capacitar novos profissionais para atuarem em todos os níveis de ensino. Destaca-se que essa capacitação deve conscientizar os profissionais sobre os direitos humanos e as potencialidades das pessoas com deficiência, no combate aos preconceitos e estereótipos, assim como instrumentalizar o professor, para que possa atender às necessidades específicas do aluno no processo de ensino-aprendizagem (CAIADO, 2013 p.20).

Vale ressaltar, que as políticas públicas são instrumentos que servem para defender, amparar as pessoas com deficiência, mas que só funcionam quando o deficiente pode acessá-las ou quando se luta por elas. O exemplo das minhas experiências pode dizer que a Lei e a justiça se cumprem quando temos conhecimentos, objetivos, e disposição para brigar por elas.

CONCLUSÃO

Para concluir este trabalho, retomamos as questões que nos guiaram em sua execução. Em que estudar a própria trajetória escolar ajudou na compreensão dos conceitos de deficiência e educação? Qual a contribuição positiva, e quais as dificuldades criadas para a entrada na universidade? Em que a universidade se beneficiou desses enfrentamentos na educação básica?

Diante dos textos estudados e resgatados em minha memória, sobre o meu trajeto escolar, pude compreender que a deficiência não estava somente na pessoa com deficiência, e sim na prática pedagógica do professor e no meio social em que se vive. A deficiência não deve ser algo que nos põe restrições ou isolamento no meio social e sim de superações do que é imposto. Não se deve deixar que um diagnóstico biológico nos torne pessoas incapazes de superar limites, pois o que falta é condição social que nos favoreça com melhorias, não só no ensino, mas em qualquer situação de exclusão.

Com relação à contribuição positiva e às dificuldades criadas para a entrada na universidade, podemos dizer que a entrada na universidade, junto com os colegas que tem deficiência, abriu o caminho para muitos outros discentes com limitações. Fomos pioneiros e tivemos os primeiros grandes desafios junto aos professores, devido à falta de acessibilidade no Campus. Destacamos como positivo o contato com os colegas em sala de aula, que por sinal, foram os que muito contribuíram nessa trajetória acadêmica. A partir disso houve muitos avanços, dentre eles: rampas de acesso, núcleo de acessibilidade para atendimento dos alunos com deficiência e a sensibilização por parte dos docentes. A falta de material pedagógico, o despreparo do professor para lidar ou acompanhar esse aluno, acabam dificultando o ensino e aprendizagem.

A universidade certamente, se beneficiou desses enfrentamentos na educação básica. Com o meu ingresso na universidade houve grandes mudanças, em meio às barreiras encontradas, sejam elas arquitetônicas ou pedagógicas que muitas vezes dificultavam a minha permanência. Com o Núcleo de Educação Especial, ali existente, foi facilitando algumas barreiras encontradas por essas pessoas, contribuindo para o ensino e aprendizagem do deficiente visual, amenizando as dificuldades que foram impostas e colaborando, assim, para um ambiente melhor.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Hildete Pereira (org.). **As histórias de todas e de cada uma**: construindo um trajeto para a educação especial. Curitiba: Editora CRV, 2014.

CAIADO, Kátia R. Moreno. **Trajetórias escolares de alunos com deficiência**, São Carlos, SP: EDUFScar, 2013.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MENDES, Enicéia Gonçalves. Breve histórico da educação especial no Brasil. **Revista Educación y Pedagogía**, vol. 22, núm. 57, mayo-agosto, 2010. p. 93-109.

MENDES, Enicéia Gonçalves. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. v. 11, n. 33, set./dez. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2006. p. 387-559.

MICHELS, Maria Helena. Gestão, formação docente e inclusão: eixos da reforma educacional brasileira que atribuem contornos à organização escolar. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 33, p. 406-423, Dec. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782006000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 Ago. 2015.

NUERNBERG, Adriano Henrique. Contribuições de Vigotski para a educação de pessoas com deficiência visual. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, abr./jun. 2008. p. 307-316.

RODRIGUES, Rogéria Pereira e CHAVES, Susana Araújo. **O deficiente visual e o ensino superior no Piauí na perspectiva de alunos cegos**. Disponível em http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/84e1defab90387c1cfd866fb13a44c91_2029.pdf> Acesso em 20.08.2015.

VILARONGA, Carla Ariela Rios e CAIADO, Katia Regina Moreno. Processos de escolarização de pessoas com deficiência visual. **Rev. bras. educ. espec.** [online]. 2013, vol.19, n.1, pp. 61-78. ISSN 1413-6538. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382013000100005>.

ANEXOS

1 a) Transcrição dos relatos²2 **Primeira parte (relato gravado em 23/02/2015)**

3 Comecei a estudar entre 4 ou 5 anos, morava em Imperatriz, não me recordo o nome da
4 escola, comecei a estudar no jardim I, sempre quando eu ia à escola achava bom, era
5 muito bom não tinha deficiência nenhuma até no momento não foi detectado nada, estudei
6 jardim I e jardim II em Imperatriz, primeira série e segunda série toda em Imperatriz, teve
7 um momento da vida que tivemos que mudar para Marabá e vim para Marabá e estudei
8 na escola Fazendinha da segunda série, quando eu vim não tive problema devido a essa
9 mudança de escola, sempre um estado é mais avançado e o outro não de ensino e sai de
10 uma escola pública em Imperatriz e vim estudar numa escola particular em Marabá, a
11 escola era a escola Fazendinha, quando entrei na escola não tive dificuldades na
12 aprendizagem e no ensino e tava até um pouco mais avançada e aonde eu me localizava
13 dentro da sala de aula onde eu sentava era sempre no fundo, gostava muito de estudar no
14 fundão, ficava sempre no fundão, tagarela muito conversadeira, mas conseguia dar conta
15 do recado que era de aprender as disciplinas então da segunda série pra terceira série já
16 tive e comecei a notar algumas dificuldades que era de enxergar no quadro ai falava pra
17 professora e professora me colocava sempre mais na frente, sempre pra o deficiente, por
18 exemplo naquela época não sabia que era deficiente, mas pra mim o melhor lugar era
19 sentar no meio, sempre no meio porque ali eu via todo o quadro e não tinha dificuldade
20 pra enxergar se eu sentasse nas laterais já era um pouco mais difícil de perceber o que
21 tava escrito no quadro e na terceira série eu tive um pouco de dificuldade porque o pessoal
22 sempre dizia que ia ser mais pesado na terceira série você vai aprender outras coisas e
23 não ver coisas de segunda série, mas sim de terceira série são outras coisas e matérias
24 novas e ai foi o que acontece comecei a tirar algumas notas baixas porque devido sentar
25 no meio estava enxergando pouco, enxergava pouco (Ingrid: foi na segunda ou terceira
26 série) na terceira série que começou a detectar a dificuldade de enxergar no quadro, a
27 primeira foi de enxergar no quadro foi a primeira dificuldade e ai a professora botava pra
28 sentar no meio, eu sentava no meio e ai mais pro meio do ano já estava sentando nas
29 primeiras carteiras, mas sempre no centro da sala, no meio e na primeira cadeira então
30 quando chegava um colega e sentava na minha cadeira eu dizia a ele ai é meu lugar e eu
31 tenho que sentar ai porque se não enxergo, então sentava sempre nas primeiras cadeiras
32 (Ingrid: mas você sabia o motivo de não enxergar? Já tinha ido ao médico?) não, não
33 sabia o motivo de não enxergar e minha irmã já tinha sido detectado que ela tinha uma
34 deficiência visual, só que minha mãe nunca imaginava que eu também teria, então já pro
35 fim do ano, já na terceira série, isso foi em 1989, eu lembro muito bem quando vim pra
36 cá, em 1990 eu fiz a terceira série, na escola Fazendinha, e ai na terceira série, por fim
37 passei pra quarta com muita dificuldade, já por causa disso, não enxergava direito no
38 quadro e também no livro (Ingrid: mas você comentou com sua família isso?) não, não
39 comentei ainda, não tinha comentado com minha família ainda a dificuldade de enxergar
40 (Ingrid: Porque?) porque eu achava que não era necessário, achava que não era nada
41 demais aquilo ali, devido ser tão criança também não percebia a história da minha irmã,
42 muito por fora da história, da realidade da minha irmã, quando cheguei na quarta série, é
43 conforme o professor era um quadro grande e o professor dividia o quadro em três então
44 cada lado que o professor ia escrevendo eu mudava e ia pra uma carteira do canto, se ele
45 tava no meio ia pra carteira no meio, ai se era no outro cantinho, sentava na lateral lá, e

² Transcrição realizada por Elitis Suzana da Silva Costa, bolsista PIBIC do Projeto “Dinâmicas Socioeducacionais no Sudeste do Pará: Políticas Públicas e Deficiência”, sob coordenação da Prof^a. Hildete Pereira dos Anjos.

46 ai o professor não implicava e os colegas reclamavam, sai do meio está me atrapalhando
47 e ai eu, não mas eu tenho que escrever, deixa eu escrever, já estava sentando nas primeiras
48 carteiras e as vezes ainda me levantava pra perguntar pro professor que palavra é essa
49 professor? que não estou enxergando e não estou percebendo isso que, o que você
50 escreveu é a palavra tal Iara e chegava e já enxergava bem mal no livro, enxergava
51 péssimo mesmo e ai às vezes quando o professor passava atividade eu enrolava, eu
52 escrevia coisa que não tinha nada a ver no caderno que era pra passar a atividade do livro
53 para o caderno e chegava em casa que ia passar a limpo e pedia pra meus colegas me
54 ajudarem, pra mãe me ajudar aliás, a mãe já entrava em cena e ai eu não passei durante
55 um ano que eu estudei a mãe foi chamada na escola porque eu não passei de ano e a
56 diretora perguntou o que estava acontecendo, que eu estava com uma dificuldade muito
57 grande de enxergar e reprovei na quarta série (Ingrid: foi assim que sua mãe descobriu
58 que você estava com problema de enxergar e você nunca comentou nada, depois da
59 reprovação?) foi eu nunca tinha comentado nada, foi depois da reprovação ai a diretora
60 pediu pra que a mãe fizesse uns exames de vista porque tinha alguma coisa errada, então
61 a mãe me matriculou de novo na Fazendinha, fiz a quarta série de novo, foi fiz a quarta
62 série de novo e ai ela me levou pra Brasília, aliás me levou no Nicomedes primeiro e o
63 Dr. Nicomedes disse: olha ela tem um problema muito sério na visão que eu não sei dizer
64 o que é, dar um diagnóstico certo, então vou pedir pra senhora levar ela pra Brasília que
65 lá tem um médico especializado na área, ai ele vai explicar direitinho tudo que está se
66 passando com ela. Ai o que, que acontece a mãe me pegou e me levou pra Brasília e lá o
67 médico falou ela tem uma deficiência visual, chama-se retinose pigmentar, enquanto ela
68 tiver enxergando a senhora pode deixar ela estudando sem problema nenhum, se ela tiver
69 enxergando do quadro beleza pode continuar, mas o certo mesmo pra ela futuramente é
70 braile. Então voltamos ai a mãe por enquanto não procurou a escola de braile em Marabá
71 não tinha ainda e ai eu fui voltei e continuei estudando ai tive que acabar parando de
72 estudar, acabei parando porque não dava, (Ingrid: não enxergava mais?) Não enxergava
73 (Ingrid: e qual foi tua reação e reação da tua mãe ao saber isso?) a reação da minha mãe
74 na época eu não me recordo, me recordo dela falar que a minha irmã era a mesma coisa,
75 e a minha irmã tinha parado na sétima série e ai o médico falou não, mas se ela pode
76 continuar estudando, bora ver até onde ela vai, então a diretora da escola a Fazendinha
77 disse não vamos botar ela pra estudar e vamos te ajudar no que for preciso (Ingrid: isso
78 foi na quarta série?) na quarta série, então a minha mãe me colocou de novo na escola e
79 continuei estudando até onde deu e terminei a quarta série passei com notas boas, mas ai
80 surgiu um outro problema o financeiro pra continuar estudando na escola particular,
81 minha mãe não teve mais condições de pagar a escola e ai teve que tirar tanto eu quanto
82 meu irmão tirar da escola particular ai nós fomos pra escola pública, a escola pública já
83 foi aqui no km 7 onde tava e foi o meu primeiro, é primeira vez que estudei depois assim
84 de ter noção mais da vida foi na escola pública que a gente tem mais aquele choque, que
85 você é mais bajulado, mais bem cuidado na escola particular, é mais cercado o professor
86 tem mais cuidado e na escola pública não é cada um por si e Deus por todos, ai continuou
87 a mesma dificuldade na quinta série de enxergar, de como alguns professores ditavam,
88 mais ditavam do que escreviam no quadro quando a gente faz a quinta série fundamental
89 era mais fácil pra mim, quando o professor ditava história, geografia, na época era estudos
90 paraense, português o professor escrevia uma letra bem grande pra me ajudar, a
91 matemática devido ser bastante separadinho os números eu ainda percebia e dava pra
92 escrever, na quinta série não tive dificuldades porque devido ter vindo pra uma escola
93 muito boa, quando fui pra pública também não tive dificuldade, na sexta série a
94 deficiência visual já estava bem avançada ai foi mais difícil, mas mesmo assim ainda
95 consegui passar pra sétima, na sétima eu estudei na escola Batista que ali o Célebre que

96 o pessoal chamava na época e lá foi lá que parei mesmo, tive que parar porque eu não
97 tirava do quadro mesmo e não tirava de jeito nenhum, mas a minha mãe ainda continuava,
98 não dar pra continuar, vamos tentar que dá pra continuar, da escola Batista eu fui estudar
99 na escola Jonathas Athias, na escola Jonathas Athias já tive mais problemas de professor
100 não ter paciência e me colocar pra fora da sala dizendo que eu estava atrapalhando a aula,
101 daí eu parei e não tinha mais como estudar e a minha vida escolar parou ai na sétima série
102 eu não me recordo o ano, mas eu creio que eu tinha uns 13 anos, de 12 a 13 anos e fiquei
103 muito tempo parada, muito tempo parada mesmo, fiquei uns 15 anos parada (Ingrid:
104 Depois que você parou ficou 15 anos pra retornar?) pra retornar porque não havia ainda
105 a inclusão e se tinha a gente não sabia e Marabá era muito vazio de informações, o CAP
106 ainda não existia, não, não existia, quem dava aula era a Avanir, mas era muito vaga as
107 aulas que ela dava, quando saiu a época de ensinar o Braille, a minha mãe ficou sabendo,
108 apareceu na televisão e minha mãe ficou sabendo e procurou, era até na escola Francisco
109 Ramos no Novo Horizonte (Ingrid: e nesse período que você ficou afastada nesse 15
110 anos?), fiquei dentro de casa, dentro de casa o tempo inteiro com muita vontade de
111 estudar, mas não podia, não dava porque as escolas não aceitavam e ai sim eu senti muito
112 porque quando eu passei a estudar o Braille a conhecer o alfabeto em Braille, pra mim
113 aquilo ali era uma coisa muito sem graça porque eu tinha saído de uma vida que antes eu
114 escrevia, eu pintava, eu tinha e não dependia de ninguém eu gostava muito de pintar, até
115 hoje eu gosto ainda de pintar cobrir com pincel o desenho tirar desenho, essas coisas
116 assim foi muito impactante na minha vida que eu ia deixar de fazer uma coisa que gostava
117 pra fazer outra coisa que não gostava que era o Braille, pra mim aquilo não tinha graça e
118 também eu achava que eu nunca ia ler aquilo ali porque sempre achei muito difícil ler o
119 braile, muito difícil ler o Braille e ai com o passar do tempo, passei dois anos estudando
120 com a Avanir e não passei do alfabeto sai na época era eu, o Sóstenes e a minha irmã
121 (Ingrid: como é que você descobriu a Avanir?) Através da televisão, (Ingrid: através de
122 Sousa Ramos?) humrum e ai nós estudamos três anos, dois anos com ela e percebemos
123 que não avançava (Ingrid: você só estava fazendo?) a alfabetização só, não era nem
124 alfabetização era aprendendo as vogais em Braille (Ingrid: na escola comum não estava,
125 era só com ela?) só com ela aprendendo Braille, foi ai eu parei porque não avançava e
126 nem nada e fui embora pra Macapá, lá em Macapá, o Sóstenes tinha ido na frente e
127 descobriu muita coisa e logo eu fui depois morar com meu irmão e aprendi outras coisas
128 e ai lá eu ao descobrir várias coisas ai a mãe foi e falou Iara eu acho que aqui em Marabá
129 tem uma escola especializada pra deficiente visual, ai o Sóstenes veio na frente de novo
130 pra cá, só que o Sóstenes como ele enxergava bastante, o Sóstenes chegou a aprender o
131 Braille, mas não precisava, ele não precisava do Braille, ele ampliava era ampliado o
132 material, o meu não tinha que ser em Braille mesmo, a matemática que podia ser ampliada
133 que eu desenvolvia bem, quando o Sóstenes veio na frente e descobriu o CAP, o Sóstenes
134 me trouxe pro CAP que época no Jonatas, lá sim vi muita coisa com a professora Josiane
135 e expliquei a situação e lá eu aprendi o Braille, fui alfabetizada em Braille e quando fiquei
136 2 anos estudando, aprendendo Braille, sendo alfabetizada em Braille tive que esquecer o
137 que eu aprendi em tinta pra ler em Braille e foi bem complicado sempre com aquela
138 angustia e dizendo assim eu nunca vou ler isso aqui eu nunca vou aprender a ler isso aqui,
139 eu acho isso aqui sem graça a minha mão dói, ah isso ah aquilo e ai minha professora
140 Josiane dizia vai sim, não se preocupe, tu vai ler ai que não vai nem perceber a partir do
141 momento que ela me botou pra ler o Braille, juntar as letrinhas tudo bonitinha como se
142 tivesse lendo aprendendo a ler como nós aprendemos na alfabetização foi a minha
143 aprendizagem no Braille, achava até interessante que quando nós somos crianças a gente
144 tem esse dizer que nós não vamos aprender a ler como os adultos hoje olham e dizem
145 assim ah eu acho que nunca vou aprender a ler porque é difícil, difícil aprender a ler e eu

146 comparo isso com quando eu aprendi o Braille, quando foi pra aprender o braile eu dizia
147 a mesma coisa, ah eu nunca vou conseguir ler o Braille, mas que nada a gente foi, eu fui
148 lendo assim e cada vez que ia lendo uma palavra, a minha professora dizia ta vendo você
149 leu, ler uma frase agora vamos passar pra outra linha, outra dificuldade encontrada passar
150 pra outra linha, o cego vai criar os macetes de como fazer isso, criei o meu macete pra
151 passar pra outra linha e a professora dizia ta vendo como tu ta lendo, agora nós vamos
152 escrever texto e assim fui fazendo, escrevendo textos e lendo e lendo, fui aprendendo o
153 soroban que era matemática e eu não sabia que eu estava sendo preparada pra entrar numa
154 sala de aula, esse era o mais interessante, com os alunos de escolas e salas regular e eu
155 não sabia que estava sendo preparada pra isso, quando a professora falou pronto você está
156 pronta pra entrar na sala com os seus colegas que enxergam, ai eu não vou não professora,
157 falei porque você não vai, a professora falando, eu disse nossa eu não sei como é que vou
158 me virar dentro de uma sala de aula ai ela dizia não te preocupa, eu vou na frente
159 preparando e vocês vão atrás, você, Nacélio, Sóstenes e Ademar, eu vou na frente
160 preparando pra vocês e vocês vão atrás ai fomos distribuídos, portanto na épocas eu o
161 Nacélio e o Ademar, o Sóstenes era ampliado, mas eu o Nacélio e o Ademar foi no Braille
162 mesmo, o Ademar teve a sorte que começou desde do início a ser alfabetizado a entrar na
163 primeira série em Braille, dominando melhor o Braille e Nacélio também eu não tive que
164 esquecer a tinta pra entrar no Braille e ai ficamos fazendo de, eu e o Nacélio fazendo de
165 quinta a oitava, meu colega, meu companheiro de quinta a oitava aprendendo a ouvir a
166 gravar, aprendendo a se virar, a criar os nossos próprios recursos, que o deficiente visual
167 ele cria e precisa aprender a se virar a criar, como dá pra fazer, como fazer isso ou fazer
168 aquilo, como é que nós vamos trabalhar e assim nós conseguimos fazer de quinta a oitava
169 no EJA, e depois a professora Josiane entra em cena de novo, agora vocês vão estudar de
170 primeiro, vocês vão estudar o ensino médio, do primeiro ao terceiro ano, outra
171 complicação porque essa sim ai nós entramos com os nossos colegas dentro da sala de
172 aula e o mais interessante é que fazendo essa linha de você entrar e encarar os colegas
173 dentro da sala de aula e pra eles nós éramos também uma novidade, então nós trabalhamos
174 com toda a sala, o professor ele mais se excluía do que os próprios colegas, achamos
175 colegas que nos ajudaram e o professor ele entrava em cena, mas muito pouco mesmo,
176 pouquíssimo, mas os colegas de sala de aula são que mais entram em cena ajudando
177 (Ingrid: conta um pouco desse período de quinta a oitava na EJA) foram português,
178 matemática que estudamos geografia, história e biologia foram (Ingrid: conta um pouco
179 dessa experiência que você se recorda) foram cinco a seis disciplinas, cada disciplina nós
180 ficávamos de um mês a dois meses em cada disciplina nós levávamos um, nós íamos todo
181 dia gravar um pouco daqueles textos que tinha numas apostilas que os professores davam
182 pra levar pra casa pra estudar e voltar pra fazer a prova, tem gente que quando, pessoas
183 que enxergam voltam com dois ou três dias dominando o assunto, nós não eu e Nacélio
184 nós ficávamos é uma semana gravando aquilo ali, aquela apostila inteira, depois nós
185 ficávamos outra semana ou dois dias ou três dias ouvindo e chegávamos lá estamos
186 prontos pra fazer a prova, nós combinava (Ingrid: como é que eram feitas essas
187 gravações?) as gravações eram feitas num lugar reservado, num cantinho da escola, lugar
188 bastante silêncio que eles escolhiam, o professor lia a apostila e explicava tudinho, nós
189 gravávamos ai íamos pra casa e ouvia aquele pouco que tinha gravado e voltávamos de
190 novo pra fazer a prova, aquela com gravador pequenininho que existiam, não era tão
191 avançado como é hoje e ai nós conseguimos fazer todas as disciplinas, todas as matérias
192 assim nessa, fazendo esse intercambio, ler apostila, leva pra casa estuda e uma semana
193 depois vinha fazer prova, a matemática era, ele pra mim ele fazia ampliado, os cálculos
194 que existiam, pra o Nacélio era em Braille ou no Soroban e algumas coisas pra mim
195 também era no Soroban que eu achava melhor pra mexer, a biologia ele fazia com que a

196 gente imaginasse o gráfico que existia, porque biologia tem muito gráfico, professor até
197 o professor Francisco um cara muito bacana, o professor muito bacana mesmo de uma
198 paciência assim maravilhosa que leu não sei quantos livros pra gente, muito leu muito,
199 muito muito mesmo o professor nos ajudou bastante e assim nós ficamos um ano e dois
200 meses foi o tempo certinho de entrarmos pra fazer o ensino médio, começamos a estudar
201 em janeiro e em fevereiro do ano seguinte nós já estávamos prontos pra fazer o ensino
202 médio e entramos com a turma sem perda de tempo e o EJA era uma escola que nunca
203 tinha recebido cegos, nunca tinha recebido cegos, eles receberam por primeiro a Tatiane,
204 poucas pessoas chegaram a conhecer, Tatiane já deficiente visual que estudava no Braille
205 mesmo já, a Tatiane e os Sostenes era ampliado então eles já tinham a experiência do
206 Sostenes e da Tatiane que já estavam lá dentro na época e já brigavam por muitas coisas,
207 depois entrou eu e Nacélio também como deficientes e outros deficientes visuais também
208 entraram e foi bem complicado se não fosse os colegas de sala de aula nossa, nossa vida
209 teria sido bem difícil, bem difícil e mais difícil e sempre são as colegas de sala que ajudam
210 mais que o professor, sempre são os colegas que ajudam mais que o professor, os
211 professores parecem que quando eles veem que a sala de aula que ta assessorando o
212 deficiente eles, eles recuam, ficam mais no canto e como se deixasse a responsabilidade
213 com o colega de sala de aula e ai se eu dissesse assim professor se você for escrever
214 alguma coisa no quadro, se pode ir escrevendo e falando, ah o teu colega ai faz isso ai,
215 fulano faz isso ai pra ela, pra eles, olha vou fazer um gráfico e fulano fala ai o gráfico ai
216 pra ela como é que é, as vezes o colega dizia não professor acho que isso não é obrigação
217 minha não é obrigação sua, outra coisa quando o professor vinha com aula de física é bem
218 complicado, aula de física, ai o professor sempre trabalhava em grupo por causa dos
219 meninos, vocês vão trabalhar com eles ai vocês se virem ai com eles e façam eles imaginar
220 o cálculo, ajudar no cálculo, ai eu quase não, como as meninas faziam ampliado eu
221 percebia tudo bonitinho o que eu podia ajudar eu ajudava, dominava uma tabuada, uma
222 conta de divisão, uma multiplicação, isso no ensino médio, primeiro e segundo ano tudo
223 em um ano só é foi assim, o tempo inteiro assim, o professor entra boa tarde vamos a
224 disciplina tal e vamos estudar e nós sempre éramos tratados como se fosse ninguém por
225 alguns professores, não todos, não todos e a gente sempre comentava alguma coisa,
226 sempre fazia alguma gracinha sempre jogava uma piadinha e as vezes o professor se
227 incomodava, mas não mudava, não mudava e chegava com atividade, oh professor o
228 senhor não sabia que eu estava aqui e meu amigo tava aqui porque o senhor não preparou
229 uma disciplina assim adaptou o material, não tive tempo e nem lembrei de vocês, nem
230 tive tempo e não deu tempo e ficava por isso mesmo por mais que a gente comentasse e
231 nós brigasse, mas ficava sempre nessa história e quando tinha prova as vezes fazia de
232 dupla ou então nós íamos pra secretaria, eu ia pra secretaria, o professor, a diretora sempre
233 buscava alguém pra ler a prova que nos fossemos falando e a pessoa, a gente confirmava
234 ta certo, a prova era objetiva, a vantagem era essa, prova sempre objetiva, nunca peguei
235 uma prova que tivesse que responder alguma coisa, o professor sempre fazia prova
236 objetiva (Ingrid: só pra vocês ou pra turma?) toda a turma, toda a turma o professor
237 também é material pra preparar em Braille pra mim ler, era muito complicado, quando o
238 material chegava pra mim aquela disciplina aquele texto já tinha passado há tempo,
239 tempos às vezes eu dizia pro Edinaldo, não Edinaldo não precisa mais nem preparar
240 porque o professor chegou agora com o material, ai vai chegar pra ti a até chegar pra mim
241 de novo já foi tempo e já passou (Ingrid: o CAP que fazia os materiais?) era o CAP que
242 fazia na época e era só o Edinaldo que preparava o material pra mim, pro Sostenes, pro
243 Nacélio e a Tatiane já tinha saído na época, não existia computador pra nós, o DOSVOX
244 eu não dominava, não tinha domínio sobre ele, era muito complicado e assim o que
245 sempre falo, o cego ou deficiente visual que tem que se virar se ele quiser continuar se

246 ele tiver um objetivo de terminar ele se vira, prepara e adapta o material e fala pra o
247 professor, fora que o professor chega e pergunta o que que eu faço com vocês, como eu
248 posso trabalhar com vocês, quando ele chegava a perguntar se não ele virava pra o meu
249 colega do lado e dizia dita ai fala ai faz eles imaginarem a conta, faz assim desenha assim
250 sempre foi desse jeito no ensino médio, já no terceiro ano também as mesmas
251 complicações, as mesmas dificuldades só que no terceiro ano eu tive uma coisa assim,
252 uma vantagem com uma professora com que estudei de matemática, tudo que ela escrevia
253 no quadro ela botava eu pra escrever em tinta, nas escolas tem um defeito muito grande,
254 eu não sei se meus colegas (Ingrid: tinta?) era, ampliado e ela fazia com que eu me
255 envolvesse na disciplina então eu dominava, nas escolas eu não sei se meus amigos
256 enfrentam essa dificuldades, tem um defeito muito grande nas escolas devido as salas de
257 recursos, o professor ele acha que na sala ele chega com material de estudo é hoje nós
258 vamos estudar isso aqui tá aqui fulano teu material ou tá aqui Iara teu material e vai pra
259 sala de recurso que lá o professor te ensina, o que que tava acontecendo eu praticamente
260 não estava indo pra escola só pegar presença, só pegar presença o que era pra o professor
261 me ensinar em sala de aula pra mim terminar na sala de recurso ou tirar a dificuldade que
262 eu tava tendo de aprendizagem naquilo que ele tava passando só dar uma reforçada na sala
263 de recurso não, era visto toda aquela disciplina, todinha, toda aquele texto e ai eu aprendia
264 na sala de recursos e não aprendia na sala comum, aprendia na sala de recursos, ele sempre
265 mandavam, entregavam o material pra mim e vai pra sala de recurso, entregavam o
266 material pra mim e vai pra sala de recurso, então de manhã eu tava na sala de recurso a
267 tarde na sala comum e a noite bastante cansada descansando de tanta correria durante o
268 dia, tinha dias que eu pensava em nem ir pra escola, porque só ia pegar presença, ai eu ia
269 passar de 1h30 da tarde até 6h00 da tarde sentada olhando pra o professor falando o tempo
270 inteiro, então aquilo me deixava bastante desanimada, era como se eu não existisse ali e
271 eu aprendi muito, assim de todas as formas com professor te excluindo fazendo com que
272 você não fosse ninguém, dificuldades pra ter, aprender os textos as disciplinas, muitas
273 coisas foram passadas por cima, muito por cima superficial, nossa muito difícil o que eu
274 aprendi foi porque eu busquei ou então os meus colegas me ensinaram até agora no ensino
275 médio e ai sempre buscando aprender, eu sempre buscava aprender, sempre ia pra sala de
276 recursos aprender porque eu não queria ficar uma pessoa dentro de sala de aula que só
277 por ser deficiente não sabe de nada, nunca sabe de nada, uma vez entrou um professor de
278 geografia novo, o professor Silvano na época, no ensino médio, terceiro ano e ai a
279 professora diretora chegou, o professor Silvano chegou na sala da diretora e ela disse pra
280 ele, a diretora disse pra o professor, olha você vai encontrar tantos alunos deficientes
281 nessa sala, mas você não se preocupe com eles porque eles estão lá só pra pegar o diploma
282 de nível médio e você não se preocupe, passe a prova se eles não responder não se
283 importe, simplesmente passe eles, ele olhou pra diretora e disse é são o que? são
284 deficientes visuais, são quatro que estão lá dentro e cinco com um rapazinho que é baixa
285 visão que só dá trabalho também e ai o professor chegou na sala de aula, ela apresentou
286 ah são esses daqui que são os meninos deficiente visual e até ai a gente não sabia de nada,
287 quando ela saiu ele olhou na porta saiu e depois de umas 2 ou 3 semanas já que dava aula
288 pra gente ele olhou pra toda a sala e falou eu vou fazer um comentário sobre vocês,
289 primeiro eu comecei dar aula pra saber do que vocês são capazes ou não são, se vocês
290 realmente aprendem e eu percebi que vocês aprendem e a diretora fez um comentário
291 infeliz comigo dentro da sala da diretoria ai eu sim professor e que comentário foi esse
292 nós podemos saber? Pode, ela disse que vocês estavam aqui só por aprender e só pra pegar
293 o diploma e mais nada, ai eu fiquei bem decepcionada e fiquei remoendo aquilo por um
294 bom tempo, na época tava pra sair aquela prova, como é que chama? (Ingrid: Enem?) não
295 tem uma prova que a escola faz pra testar o conhecimento dos alunos que cai todas as

296 disciplinas (Ingrid: são divididas por etapa?) isso, eu não me recorde o nome da prova
297 agora, que toda escola faz três vezes por ano e conta ponto pra outras disciplinas, na época
298 saiu essa prova e tava bem pertinho dessa prova, então que eu pensei, eu vou estudar,
299 eu vou estudar porque eu preciso mostrar pra essa diretora que eu não to ali pra brincar,
300 to ali pra aprender e futuramente fazer uma prova de vestibular que até eu mesmo
301 duvidava que eu fosse chegar a fazer uma prova de vestibular porque na minha mente era
302 as coisas que eu tinha aprendido era muito pouquinho, pouco, pouco mesmo e ai eu
303 estudei fui pra sala de recurso pedi pra o Márcio me ajudar a dominar as disciplinas, que
304 o Márcio é dava aula de matemática, biologia, química, o que ele não sabia ele tentava
305 enrolar, embora aqui, bora aprender isso aqui, levei o que tinha que aprender biologia,
306 química, matemática e física estudei muito português, inglês estudei história geografia,
307 até peguei umas aulas com a professora Sonia, história com o professor Domingos e
308 peguei aprendi mesmo, aprendi mesmo, quando chegou na época de fazer a prova, a prova
309 valia 4, cheguei sentei, ah vocês vão fazer, a diretora falando vocês vão fazer a prova aqui
310 na diretoria, nós vamos sair fica aqui você e o Nacélio, era uma pessoa pra ler a prova pra
311 mim e pro Nacélio, então quando ele, o rapaz começou a ler a prova, era ele fazendo a
312 pergunta e ele mal dava as alternativas eu já respondia, ai passava pra segunda, segunda
313 questão ai ele mal terminava eu já respondia, (Ingrid: ele respondia?) eu respondia, o
314 Nacélio respondia a opinião dele e a minha era minha e como eu enxergava ainda, um
315 pouco eu percebia a reação do rapaz em admirar da resposta certa, a matemática eu fazia
316 o cálculo, tudinho certinho e batia com a que tava na prova, biologia o que eu respondia
317 batia com que tava na prova, então tudo foi dando certo, certo, certo respondi a prova
318 todinha, era trinta e poucas questões na época, não me recordeo bem ao certo quantas
319 questões são, quando eu, e dois três dias depois, saiu o resultado da prova, quando eu
320 cheguei na escola, a reação da professora, da diretora comigo era outra, ela me tratava
321 bem só que nesse dia tava assim uma coisa fora do limite comigo, eu cheguei ela não
322 deixou nem eu ir pra sala de aula, os resultados já estavam nas paredes ela não deixou
323 nem eu ir pra sala de aula, ela Iara vem cá, senta aqui parabéns, parabéns eu olhava pra
324 ela e achava que o parabéns era por outra coisa e não sabia que o resultado tinha saído e
325 ai senta ai bora conversar, conversamos e tal ai eu professora queria ir pra minha sala,
326 não eu vou te levar na tua sala falei assim não professora precisa não pode ficar ai não
327 precisa, não mas eu queria te levar, ai eu disse não precisa não e eu fui quando eu cheguei
328 na sala meus colegas disse assim eita tu tirou a nota mais alta de toda a escola, na época
329 tinha o EJA ali na Câmara e o anexo lá no Acy Barros, eram 3 ou 4 salas no Acy Barros
330 e 4 ou 3 salas no EJA, num total umas 7 salas e eu tirei nota 4 a nota máxima, tirou a nota
331 máxima Iara viu, ai agora sei porque que a diretora ta me tratando daquele jeito, eu só
332 queria mostrar gente né porque eu quis ser melhor do que vocês eu só queria mostrar pra
333 ela que o deficiente visual também ele tem capacidade de aprender, que a gente não está
334 pra brincar e ai o professor falou, meu professor de geografia que é o professor Silvano
335 que tinha falado o que ela pensava da gente ele disse que falou pra ela não posso fazer
336 isso com meus alunos de simplesmente passar eles por passarem porque se eles tiverem
337 um objetivo de fazer um vestibular na minha disciplina eu quero que eles tirem nota
338 máxima e ai eu sai da escola EJA eu deixei essa impressão pra eles lá, que a gente não
339 estava ali pra brincar, pelo menos eu não estava ali pra brincar, mas sim pra aprender.

340

341 **Segunda parte (relato gravado em 23/05/2015)**

342

343 Bom o que que o CAP representa pra mim, o CAP não só pra mim, mas creio que pra
344 todos os deficientes é a segunda casa é o meu segundo lar é aonde são resolvidos meus
345 problemas, no período que estive estudando no meu período escolar do ensino

346 fundamental até o ensino médio é o meu refúgio que eu gosto de chamar também é aonde
347 eu posso dizer que quando tenho problemas em escola aonde são resolvidos, meus
348 materiais que nunca eram feitos, era pra onde eu ia e falava com a minha professora e ela
349 sempre dizia não nós vamos resolver a sua vida, no CAP foi onde eu aprendi ser, foi onde
350 eu me alfabetizei aonde a professora sempre falava quando você for pra escola não te
351 preocupa a gente vai está sempre te acompanhando, isso é muito importante pra um
352 deficiente e um professor dizer isso, que te entende nos teus problemas e nas tuas
353 dificuldades e sempre tá ali te apoiando e até hoje é o meu apoio é o CAP, quando eu fui
354 pra sala comum e quando eu tinha alguns problemas sempre problemas pra serem
355 resolvidos e causar mudanças nas escolas um dos problemas que nós tínhamos, eu tinha
356 era do material nunca chegar a tempo no CAP, essa relação professor e CAP, o professor
357 chegava na sala com o material naquele dia de dar aquele texto aquela disciplina, ele
358 nunca chegava com antecedência, pelo menos nos primeiros meses até eles se adaptarem
359 e saber que ali tem um deficiente que precisa ter uma aprendizagem que precisa tá
360 acompanhando junto com a turma, sempre nós tivemos esses problemas então o professor
361 era sempre essa confusão de que o professor chegava com o material no dia de dar a
362 disciplina, chegava com o material e dizia pronto tá aqui leva pra o CAP que vocês vão
363 estar por dentro do assunto e não era assim que era pra ser feito, o material era pra chegar
364 e já está nas nossas mãos praticamente dias antes porque ai nós já sabíamos como debater
365 o assunto, porque a partir do momento que o cego ele tem o material ele vai tá por dentro
366 do assunto e o professor vai jogar a matéria e ai a gente vai poder debater junto com a
367 sala e aprender junto com a sala é como se nós já estivéssemos enxergando a leitura que
368 o professor está fazendo pra quem enxerga e o deficiente visual está por dentro também
369 desse texto que ele dava, dessa disciplina que ele dava, sempre quando chegava no CAP
370 o material, a professora dizia e ai vocês já tiveram essa aula e eu sempre falava professora
371 por mim nem fazia porque nós já tivemos essa aula, então pra mim vai ser algo perdido
372 ia ser mais um material colocado dentro do meu arquivo e pronto pra voltar e estudar de
373 novo não dar tempo porque quando nós vamos voltar pra estudar aquilo ali e vê o que
374 está escrito tudo já não tem mais interesse e já tá tendo outros textos e já tá tendo outras
375 disciplinas e outras matérias novas e o professor ele tinha que se conscientizar disso, a
376 partir do momento que eu disse pra professora Josiane ela fazia isso, professor você tem
377 que fazer esse jogo e levar o material antes e sempre fazer isso porque se não eles nunca
378 vão tá a par do que está acontecendo nos textos e apesar de ter essas dificuldades eu tinha
379 na minha cabeça sempre em desistir porque as dificuldades apareciam, o professor não
380 mudava e quando eu chegava em casa, desanimada, cansada, a minha mãe sempre dizia
381 não, eu contava os problemas que tinha acontecido ela dizia continua estudando, bora ver
382 o que a gente poder fazer e ai tinha na sala de recurso e tinha professor que não podia tá
383 naquele horário que eu estava disponível pra ir, o professor tava a noite e um pouco
384 distante de casa e minha mãe me acompanhava e me levava trazia, nós íamos de coletivo
385 porque não temos condução, carro próprio nem moto, então nós íamos de ônibus era
386 muito complicado, mas sempre procurava tá sempre ligada nos textos e pra chegar em
387 sala de aula e não ficar por fora do que está acontecendo porque sempre tinha na cabeça
388 de que eu quero aprender e sempre queria está por dentro, o deficiente também ele tem
389 uma outra dificuldade que no CAP nós aprendemos muito porque devido não enxergar a
390 escrita no papel em tinta nós temos muitos erros ortográficos que dificultam muito a
391 escrita do deficiente e por não ter muitos textos em braile que sejam interessantes pra o
392 cego ler, então o cego quase não se interessa por ler o braile, mas sim ouvir textos que
393 são mais interessantes, mas textos mesmo no CAP, livros gostosos pra se ler pra prender
394 a atenção do deficiente são histórias infantis eu não sei hoje como tem que se fazer hoje
395 existe o Dorina e quando nós pedimos alguns livros eles mandam em cd ou então em

396 braille, livros, então as coisas tem avançado muito, mas o CAP pra mim é sempre a solução
397 pra os meus problemas quase todos os meus problemas não posso dizer todos, mas quase
398 todos os problemas que são levados pra lá são resolvidos, de uma maneira ou de outra,
399 mas são pra resolver, eu creio que não só pra mim como deficiente visual, mas pra vários
400 alunos aqui que na minha trajetória dentro do CAP eu percebi muitos alunos desistir de
401 estudar numa escola comum, estudar numa sala regular preferiam tá no CAP porque ali o
402 professor entendia a situação e ajudava e a gente desenvolvia e na escola não, sem contar
403 as chacotas dos colegas, (Ingrid: chacotas em que sentido?) alguns não todos, alguns até
404 fala assim não ajuda a Iara ai professor, é cega tenta resolver ai o problema dela porque a
405 gente não pode resolver agora não, agora a gente tem que resolver o nosso e eu tenho que
406 resolver o meu problema e eu não posso está acompanhando ela não tenta ai ajudar ela,
407 já tive esse tipo de comentário e ai eu percebo de outros colegas meus, fazem brincadeiras
408 de mau gosto e que no momento eu não recordo, mas de crianças são mais de crianças de
409 pegar o lápis e esconder o lápis de cor o material do deficiente, esconder e deixar a gente
410 procurando de proposito isso acontece, mas graças a Deus não aconteceu comigo porque
411 eu estudava com pessoas adultas, mas assim a importância da minha família no meu
412 período escolar até hoje sempre foi muito importante e a minha mãe sempre teve me
413 apoiando em tudo, as vezes eu chegava em casa assim meio com vontade de desistir e ela
414 nunca deixou, às vezes ela dizia tu sabe que tu estuda e tu ver até onde pode ir eu vejo tu
415 aguentando muita coisa e ai pra mim o que tu decidir tá bom não te preocupa o que tu
416 decidir tá bom, pelo menos até o nível médio foi assim a minha vida. (Ingrid: mais alguma
417 coisa que você queira falar?)

418

419 **Terceira parte (relato gravado em 25/02/2015)**

420

421 Bom o término do meu ensino médio foi tranquilo, bastante tranquilo, até assim de alívio,
422 por ter concluído, já devido ter passado por muitas dificuldades, mas com um sonho de
423 fazer o ensino superior, como eu ainda não sabia porque fazer um cursinho particular eu
424 não sabia se a escola iria me aceitar e tinha informações de que na sala de curso
425 preparatório pra o vestibular era 100 pessoas em uma sala e devido a maioria da minha
426 aprendizagem era eu gravava os conteúdos passados pelos professores, então talvez não
427 seria tão bom, passando algum tempo um mês mais ou menos fui chamado no CAP eu,
428 Ademar e Nacélio e os outros que estavam concluindo o ensino médio ou que estavam
429 ingressando ainda no fundamental, surgiu uma oportunidade de fazer um curso
430 preparatório por pessoas voluntárias na universidade, quem estava promovendo esse
431 curso foi a professora Hildete e foi o CAP atrás de nós saber quem eram as pessoas que
432 estavam concluindo o ensino médio e até aqueles que não estavam concluindo o ensino
433 médio também seria importante está com a gente estudando, o Sóstenes também já estava
434 e tinha terminado já o ensino médio e eu e Nacélio tínhamos acabado de concluir o ensino
435 médio, foi em 2009, 2008 aliás então nós passamos o período de 2009 estudando nesse
436 cursinho com eu acho que uma média de 8 pessoas trabalhando com os deficientes visuais,
437 voluntário, eram aulas de redação, biologia, geografia, história, filosofia, sociologia,
438 inglês, física e matemática, tínhamos também aula de literatura eram aulas dadas uma vez
439 por semana, sempre nos finais de semana de 08h00 da manhã até meio dia às vezes se
440 estendia mais ou pouco porque às vezes a aula tava tão boa que se estendia mais um
441 pouco, dificilmente não tinha aula era raro não ter, eram bem aproveitados os momentos,
442 foram preparados materiais e adaptados, foram feitos os estudos com pessoas que não
443 tinham experiência conosco, mas aprenderam com a gente a lidar a preparar o material,
444 nesse momento eu me sentia, eu gostava de participar porque chegava no dia da aula
445 estavam ali os materiais adaptados, preparados tudo bonitinho e a gente aprendia, então

446 o que nós não aprendemos no ensino médio que ficou vago, praticamente era substituído
447 nessas aulas do curso, também mexemos as nossas angústias também porque pelo menos
448 eu tinha algumas angústias com medo de não passar na prova do vestibular porque achava
449 muito difícil fazer uma redação, achava bastante complicado porque não sabia escrever
450 bem, passamos o ano de 2009 estudando e se preparando, nos preparando eu Nacélio,
451 escolhemos o curso de Ciências sociais, não era muito a minha área também, não sei nem
452 porque que tinha escolhido aquele curso de Ciências sociais naquela época e ao chegar os
453 dias de fazer a prova, na época eram 3 provas que nós fazíamos, primeira etapa, segunda
454 e a terceira, a universidade ela se encarregava dos ledores e na época quem foram os
455 nossos ledores eram as pessoas que nos davam aula, pessoas tranquilas nós precisávamos
456 de pessoas que tivessem uma boa dicção e tranquilas, porque além de estarmos nervosos
457 não podíamos estar com outra pessoa nervoso também com a gente e ai foram a primeira
458 prova que eu fiz consegui uma boa pontuação de 23 pontos, na segunda prova que eu fiz
459 alcancei 24 pontos e na terceira passando assim pra terceira etapa que reprovei na redação,
460 mas atingi uma boa pontuação, mas acabei reprovando na redação, fiquei desanimada,
461 mas as pessoas que me deram aula na primeira fase de estudos, conversaram comigo pra
462 tentar a segunda vez pra fazer a prova porque já não tinha passado na primeira etapa que
463 foi no ano de 2009 e tentaram me incentivar pra fazer de novo a prova então eu resolvi
464 fazer de novo o cursinho com pessoas, já tínhamos poucas pessoas voluntárias e ai essas
465 poucas pessoas resolveram me ajudar na época eu me lembro era Mirian, Patrícia, a
466 Louriana e o professor de história o Domingos, foram essas disciplinas que eu pude
467 dominar, a redação como a Ingrid já tinha me dado já alguns macetes então ficaram
468 gravados na cabeça só apenas pratiquei um pouco mais, fiz a primeira prova, chegando a
469 ser na época, eram dias muitos puxados, estudando, ficava até 10 horas da noite e chegava
470 aqui umas 4h da tarde na universidade, no NEES ficávamos no NEES estudando até umas
471 10h da noite às vezes a Mirian ia me deixar, as vezes eu contratava um moto taxi pra vim
472 me buscar, foi muito mais puxado do que a primeira vez que fiz pra Ciências sociais, a
473 segunda vez que foi pra área que me escrevi que foi pra Pedagogia, resolvi estudar mais
474 pesado, estudei muito mesmo, muito, muito mesmo eu já tinha terminado o ensino médio,
475 então dava pra estudar mais, tinha pego a experiência da primeira prova então na segunda
476 já tava bem macetiada já pra fazer, a primeira fase quando eu fiz a prova eu tirei a média
477 pra passar 18 pontos, (Ingrid: na segunda já não tinha mais o cursinho?) não, na segunda
478 já eram mesmo pessoas que queriam, na segunda vez que fiz a prova na Pedagogia já
479 eram pessoas mesmo que queriam que eu tentasse pra passar, pessoas que não se
480 conformaram, posso dizer assim, por eu não ter passado, Nacélio passou pra Ciências
481 Sociais e eu não tinha conseguido passar, então muitas pessoas não se conformaram e
482 essas pessoas que não se conformaram, me ajudaram, ficaram comigo, outros não
483 puderam ajudar porque tomaram outro rumo, então não podiam me ajudar, a primeira fase
484 que eu fiz a prova tirei 18 pontos que foi mesmo assim o limite pra passar, a segunda vez
485 que a segunda, ai passei pra segunda fase, a segunda fase eu passei com 24 pontos, era
486 sempre a média, pra passar na segunda fase era 21, fazia 24, a terceira eu, passei consegui
487 a pontuação, e consegui também a nota pra passar na redação, passei duas horas e meia
488 fazendo a minha redação, e eu acho assim que eu passei porque houve alguns problemas
489 na entrega da prova e nessa brincadeira de problemas na entrega da prova, faltaram provas
490 na época de 2010, faltaram provas em algumas escolas, por essa falta de provas em
491 algumas escolas eu já estava fazendo a minha prova naquele horário, então se estendeu
492 mais o horário, o horário que era pra terminar era uma hora da tarde ia até três horas da
493 tarde e eu ainda tinha mais uma hora de acréscimo, e eu fiz tudinho até uma hora de
494 acréscimo fiquei até quatro horas da tarde fazendo esta prova, com a Amanda muito
495 nervosa, a Amanda ficou muito nervosa porque eu não conseguia desenvolver a redação,

496 fiquei muito tempo pensando e então ela conversava comigo, eu acho que ela tava até
497 mais nervosa do que eu e fiquei esperando a resposta de aprovação ou reprovação e até
498 me assustei quando a Louriana foi quem ligou mais a Patrícia dizendo que eu havia
499 passado na Universidade e que era pra mim comemorar, pra mim não era motivo de
500 comemoração porque já vinha com algumas dificuldades do ensino médio e como seria
501 no ensino superior porque eu era uma pessoa nova dentro do curso e a Ingrid falava muito
502 pra mim que a nossa vida poderia ser muito difícil dentro da Universidade e realmente foi
503 bastante difícil, pelo menos eu posso dizer que a minha foi bastante difícil, quando eu
504 soube da resposta que tinha passado tudinho, vim fiz a matrícula tudo direitinho, eu
505 comecei a estudar em julho de 2010, meu primeiro professor foi o professor Alixa, ele
506 não sabia que, quando eu entrei na sala era, tinha umas doze pessoas na sala, dois homens
507 e algumas mulheres já, então o que que eu me preocupei em arrumar o coleguinha, sempre
508 nós assim pelo menos eu quando entro pra estudar a intenção já é procurar logo o colega
509 pra você contar o que você é deficiente e contar com a ajuda dele e quando eu entrei na
510 sala eu fiquei totalmente na minha não abri a boca nem nada, nem o professor no primeiro
511 dia eu conversei com o professor Alixa e disse que eu era deficiente visual, só que nisso
512 a professora Luciana sempre na Universidade tem uma reunião pra falar sobre os
513 professores, é uma reunião dos professores e a Luciana falou que tinha uma aluna
514 deficiente visual que não tava estampado no olho que era deficiente visual que era pra
515 tomar cuidado, não andava com bengala e que eu iria me apresentar pra cada um deles,
516 na aula do professor Alixa eu não tive muita dificuldades porque a minha primeira
517 disciplina, eu me lembro bem foi Ludicidade então ele trabalhou muito com dinâmicas,
518 desenhar na mão, muita conversa, muito diálogo, trabalhar em grupos, então a primeira
519 disciplina foi muito fácil, muito fácil mesmo que aí eu pensava nossa se for assim o tempo
520 inteiro vai ser bom, mas aí na segunda disciplina que eu tive me lembro também marcou
521 muito foi com a professora Zuleika lá do Rio Grande do Sul ela foi aula de Filosofia quem
522 me deu essa disciplina foi ela, me apresentei pra ela e disse que eu tinha deficiência visual,
523 tudo bem, senti ela ficou sentada lá no cantinho dela e aí ela passou uma atividade pra
524 nós fazermos um texto falando sobre a nossa história de vida, eu não me lembro o nome
525 do texto que ela mandou nós fazermos, ela simplesmente não me deu atenção e não me
526 assessorou em nada, não me falou nada e ali ela ficou no cantinho dela e eu no meu, todo
527 mundo da sala fazendo as atividades, uma sala com quarenta alunos, só dois homens e o
528 resto do pessoal eram mulheres e ali alguns olhavam pra mim preocupados porque eu não
529 estava fazendo nada e nem a professora se locomovia pra fazer nada, então o que que eu
530 fiz quando, porque eu me senti incomodada naquela situação de que todo mundo fazendo
531 seus trabalhos e eu ali parada, o que que acontece eu me retirei da sala e fiz a minha
532 atividade no NEES que já estava ali pra me ajudar, quem me ajudou nessa atividade foi a
533 Amanda, eu fiz era uma atividade em grupo e duas escritas individual, também eram
534 fáceis só que eu não tinha domínio no meu computador, não tinha computador, não
535 dominava o DOSVOX também e isso dificultou muito também, é muito importante um
536 deficiente visual ele ter um computador dentro de sala de aula porque a minha máquina,
537 a partir do momento que eu trouxe a máquina do NEES pra escrever dentro de sala de
538 aula, incomodava os meus colegas, o barulho da máquina eles não conseguiam se
539 concentrar porque a máquina fazia barulho e alguns colegas achavam bonitinho eu
540 escrevendo e interessante também eu escrevendo no braille, então desconcentrava, então
541 eu olhava e acharia ideal o computador, também ao fazer a atividade e entregar pra ela,
542 ela pegou a atividade e perguntou se eu tinha feito eu disse pra ela que não, eu tinha
543 apenas ditado pra minha bolsista fazer e digitando, eu ia falando e ela digitando, eu não
544 sei professora se posso considerar se foi eu que fiz ou a minha amiga, mas a história é a
545 minha, essa foi a segunda disciplina, me lembro que a terceira foi a de sociologia com o

546 professor Evandro também creio que foi a mais difícil de todo aquele primeiro período
547 porque o professor Evandro não trabalhava com apostilas, ele só voz mesmo e o domínio
548 tava na mente dos textos que ele falava, mas as outras disciplinas já foram mais fáceis, o
549 meu desenvolvimento na sala no primeiro semestre não foi muito bom porque os meus
550 colegas não sabiam lidar comigo e os professores muito pior então eu meio assim (Ingrid:
551 porque você acha isso? Porque eles não sabiam?) quem não sabia? O professor? (Ingrid:
552 sim você disse que nem os colegas e nem os professores, porque você acha?) porque
553 nenhum me ajudaram nenhum se aproximaram ainda o que se aproximou foi uma colega
554 que já me conhecia já fora da Universidade e eu tive a sorte de encontrá-la, ela dentro do
555 mesmo curso na mesma sala que eu, facilitou um pouco a intimidade era pouca com ela
556 e com a turma também com os professores também pra eles eu era a algo novo, nova na
557 área, então tinha professores que quando eu me apresentava eles olhavam pra mim, como
558 se dissesse assim aonde está a deficiência dela porque não apresenta e tinha professores
559 que olhavam e perguntava o que que eu vou fazer contigo porque eu não sei trabalhar
560 com você, o Alixa o professor Alixa ele me deu aula duas vezes e não me recordo no
561 primeiro período a segunda disciplina que ele deu já foi mais complicado pra ele porque
562 não era ludicidade era mais era textos, então assim não havia textos preparados de cada
563 professor, sabiam que ia encontrar uma aluna deficiente visual na sala em um mês que
564 eles ficaram sabendo disso antes de eu estudar, comecei a estudar em julho e em junho
565 eles tiveram essa reunião e ai não tinha como eles fazerem, o NEES não tinha como creio
566 eu que preparar todo esse material em um mês porque eram apostilhas de cento e poucas
567 páginas 160 então eram textos muito grandes e eu não tinha gravador de voz no meu
568 primeiro período que eu estudei foi uma experiência pra mim, então (Ingrid: como é que
569 você fazia?) eu não fazia eu não desenvolvia no meu primeiro período de faculdade eu
570 me perguntava o que que eu tava fazendo ali naquela sala, a vontade que eu tinha era de
571 pegar o que eu tinha levado pra sala e ir embora, só que eu achava que só eu tive essa
572 impressão dentro da sala, mas os meus colegas que enxergavam disseram pra mim que
573 eles também tiveram isso, eles também tiveram essa crise é porque o deficiente eu como
574 deficiente visual eu penso que só eu não sei das coisas, só eu tenho as minhas angústias,
575 só eu tenho as minhas dificuldades ao decorrer do tempo fiquei sabendo pela fala dos
576 meus colegas que não que todos eles tem dificuldades também então no meu primeiro
577 período a vontade que eu tive foi de sair e não voltar mais porque eu já percebi que a
578 dificuldade ia ser bem maior do que eu encontrei no ensino médio muito parecida, mas
579 no ensino médio os textos eram menores, no superior não o superior me surpreendi com
580 textos muito maiores, a rejeição dos professores era muito grande a novidade era muito
581 forte a gente, eu percebia no olhar no falar no agir então não tinha como não perceber,
582 peguei o Marcelo Marques também no primeiro período, bem carrasco, muitos
583 mangavam quando viam no horário lá da gente o nome dele é o terror é o Marcelo
584 Marques, mas ai eu fiquei na minha e disseram que ele ia me massacrar, o pessoal de
585 2009 disseram que tinha pena de mim só que eles não comentaram isso diretamente pra
586 mim, eles comentavam entre eles lá e eu fiquei sabendo pela boca dessa minha amiga que
587 já me conhecia na universidade, ahh Marcelo Marques deu aula de Psicologia, ele pra
588 mim aquele primeiro impacto dele entrando na sala pra mim foi o máximo, ele entra e
589 chegou o dia da disciplina dele eram 15 dias de aula com ele, praticamente duas semanas
590 de inferno posso dizer assim de inferno e ai chegou na sala me apresentei, sou deficiente
591 visual professor ai ele olhou pra mim ah é, sou, ah ta o professor fala que é formado em
592 surdez e sabia o braille tudinho bonitinho eu disse ah professor beleza então vou ficar
593 tranquila, você pode ficar tranquila não se preocupe, ao decorrer do tempo eu não tinha
594 nada com ele e fiquei esperando porque ele disse que sabia como trabalhar comigo
595 esperei, esperei e nada ai nesse período que estudei com o Marcelo Marques foi o período

596 que houveram filmes legendados muitos slides nos filmes legendados, professor ler pra
597 mim ele disse o colega ai do lado vai ler pra você e lê ai fulana pra Iara e a minha olhava
598 pra ele e ficava meio assustada porque ele disse que sabia como lidar com deficiente
599 visual e manda ela ler o filme, beleza primeiro filme ela leu, tanto lia como descrevia a
600 imagem do que tava se passando era bem complicado pra ela tadinha, muito complicado,
601 os slides ele falava, ele contava uma história, mas ele também não descrevia o que estava,
602 os gráficos que estavam no slides então aquilo ali também me deu vontade de correr
603 também porque eu falava pra ele professor fica difícil se você não descrever pra mim o
604 que ta se passando no slide vai ficar difícil de eu aprender alguma coisa, ele olhava pra
605 mim, mas não, era como se eu fosse ninguém, nesse tempo eu já tinha comprado um
606 gravador de voz, com o Marcelo Marques eu já estava com o gravador de voz, que quando
607 eu entreguei pra ele o gravador de voz pra ele colocar como colar no pescoço, que ele
608 tinha um cordão o gravador de voz, ele se negou eu falei interessante professor, um
609 professor que é especializado na área de como lidar com o deficiente visual se negar a
610 usar um gravador de voz porque você ta dizendo que não combina o seu visual é
611 complicado ahh ele não colocou o gravador, ele aceitou o gravador de voz, mas ele não
612 colocou no pescoço onde seria o lugar ideal ele segurou na mão e no momento em que
613 ele segurava na mão esse gravador de voz desligava, esse gravador de voz às vezes ele
614 colocava em cima da mesa, a galera na sala falava professor pega o gravador de voz
615 segura e ai ele ficou debochando, olha isso aqui parece um microfone isso aqui não
616 combina comigo, isso tudo me incomodava, isso tudo me incomodava, me incomodava
617 bastante, então eu passei esse período todinho com ele trabalhando com essa dificuldade,
618 passou três trabalhos em dupla, aliás dois trabalhos em dupla e um com todo o grupo sete
619 pessoas, separou a sala em cinco grupos e sete pessoas em cada grupo, Marcelo Marques
620 ele trabalha de uma maneira assim eu acho difícil porque ele passou uma apostila de vinte
621 poucas páginas pra ler e não tinha esse negócio de esse pedaço é meu, esse pedaço é teu
622 não, era estudar toda apostila e aprender toda a apostila o texto aprender sobre todo o
623 texto e no dia do trabalho, do seminário ali era dividido a parte de cada um, de quem ia
624 apresentava primeiro, por segundo, terceiro então todo mundo tinha que ta inteirado do
625 texto em três dias, dois ou três dias e ai nesses três dias eu fui pra casa da Ingrid e ela
626 explicou esse texto todinho, todo, todo o texto fui pra casa ouvi bastante aprendi e na
627 hora do sorteio eu não fui escolhida pra apresentar os slides dos textos, quatro colegas
628 meus foram escolhidos pra falar, explicar na frente e eu fiquei sentada mais uma outra
629 colega minha pra tirar dúvida das pessoas que iriam perguntar, era assim a dinâmica do
630 Marcelo Marques, acho que não me sai tal mal não nessa disciplina dele não todo mundo
631 tirou, no final todo mundo tirou regular, outra coisa muito difícil que eu achei também no
632 ensino superior que eu não era acostumada a tirar conceitos baixos, meus conceitos eram
633 bons, eram 10, 9, 8, eu tirei uma base de uns, se era sete disciplinas eu tirei quatro
634 regulares e ai tive que me adaptar a esses regulares porque no ensino médio eu tinha a
635 sala de recurso pra estudar, no superior eu não tinha a sala de recurso pra onde eu podia
636 botar aquela apostila debaixo do braço, meu texto, meu livro debaixo do braço e passar
637 uma manhã inteira estudando com meu professor de sala de recurso, isso dificultou muito
638 a minha vida também no ensino superior, então foi por isso também dificultou muito tirar
639 nota, conceito regular muitos dizem assim pelo menos tu passou e não ficou reprovada,
640 não ganhou um insuficiente, mas pra mim não tava bom, eu tinha que solucionar aquele
641 problema, porque aquilo era um problema, foi um problema até eu saber andar com
642 minhas próprias pernas praticamente passei o curso quase todo pedindo uma sala de
643 recurso, chorando por uma sala de recurso, então, e o trabalho que eu na disciplina do
644 Marcelo Marques de Psicologia, o trabalho que eu fiz individual ele ainda achou que eu
645 tinha plagiado, tinha feito plágio do texto que eu entreguei pra ele, por ainda ter feito só,

646 ai eu não tinha sido um plágio foi o que eu pude fazer, se tava bom e ele achou que plagiei
647 então tá bom, mas ele ainda me passou com regular, cinco reprovados e eu passei e as
648 outras disciplinas as mesmas dificuldades, não tinha material, amigos formavam grupos,
649 liam comigo, eu gravava, levava pra casa, aprendia voltava e tentava debater alguma coisa
650 dentro de sala de aula com o professor, não ficava calada de maneira nenhuma, o que
651 dava pra mim falar, debater, falava mesmo porque eu dominava, mas o primeiro período
652 de ensino superior foi bastante difícil, achando eu que o primeiro tinha sido difícil (Ingrid:
653 e a transição do primeiro pra os próximos, se você está falando que não tinha estrutura,
654 que tudo era mais difícil e a adaptação, o que você acha que te fez continuar, porque não
655 desistir?) o objetivo, se eu não tiver um objetivo eu não ando, o que me fez continuar
656 talvez no segundo período venha a ser melhor, mas com o medo continuava de que
657 poderia ser pior, ser pior, no segundo período foi onde eu entrei em crise mesmo, eram
658 sete disciplinas de novo, um período intervalar, sempre estudando no período de férias,
659 manhã e tarde, todo dia, ai eu pensava devido passar o dia inteiro na universidade, chegar
660 a noite cansada com bastante sono o que que acontecia, às vezes resolvia ir dormir pra
661 descansar pra no outro dia está mais disposta e está mais cedo na universidade e ouvi o
662 que tinha sido lido, somente lido mesmo, só lia e no outro dia a gente ia tentar entender
663 dentro de sala no debate, então o que aconteceu no segundo período foi mais difícil, foram
664 sete disciplinas de novo, bastante puxado, é bem mais difícil, não havia dinâmica mais,
665 aquela coisa gostosa de ludicidade, aquela coisa de brincar a gente não teve, foram textos
666 em cima de textos, materiais não adaptados, os professores tiveram seis meses de novo
667 pra me dar aula quase praticamente que os mesmos professores e ai cada professor que
668 chegava dizia sim professor você não me deu aula período passado porque não preparou
669 o meu material, então não tive tempo, Iara vou te ser bem sincero eu nem me lembrei de
670 ti, eram essas falas que eu escutei no segundo período e sempre a mesma dinâmica do
671 professor com a sala, alguém ajuda a Iara, alguém faz isso, fulano ler ai, outros
672 professores criaram outros macetes, criaram a dinâmica de está sempre fazendo grupo,
673 sempre fazer em grupo, sempre fazer em grupo porque tinha uma indígena na sala e tinha
674 eu como deficiente visual, a indígena tinha dificuldade de entender os textos e eu de ler o
675 texto, era bem interessante e ai no segundo período o professor criou essa dinâmica, mas
676 eu fiquei com sete trabalhos pra fazer, foi a época que eu fiquei com sete trabalhos pra
677 fazer, que eu simplesmente quando terminou o período, eu fiquei com os sete trabalhos
678 pra fazer, o prazo pra fechar o sistema, tinha uma prazo pra fechar e eu entrei em crise
679 mesmo, não quis mais voltar nem pra fazer os trabalhos o que me deixava angustiada era
680 que a sala conseguia desenvolver os trabalhos e eu não, tive um artigo pra fazer do
681 professor Evandro e fiquei em casa, foi quando eu conversei, a Ingrid me perguntou como
682 eu tava na universidade, eu disse eu tou feia de jeito porque estou com sete trabalhos pra
683 fazer e eu não tou conseguindo fazer e eu não vou fazer, eu mesmo me reprovei e eu não
684 quis saber, foi quando a Ingrid foi atrás de mim em casa me buscar pra tentar fazer,
685 rascunhar, pelo menos pra o professor perceber que eu tive interesse de ao menos fazer
686 os trabalhos, o artigo que era pra fazer pra o professor Evandro que os meus colegas
687 fizeram de quatro, cinco, até seis páginas, o meu deu uma página e três linhas hoje, até
688 hoje me recordo daquele artigo, a Ingrid dizia o Evandro pode até te passar, mas pelo teu
689 desempenho, teu esforço, mas esse artigo não tem nada de artigo e ta uma porcaria ta, me
690 lembro demais, demais, interessante que nesse segundo período que eu achava que eu
691 fosse tirar os sete regular mesmo em todas disciplinas, nada, eu tive bom, tive excelente
692 e tive dois regular e assim eu venci pegando o Marcelo Marques de novo, já trabalhando
693 um pouquinho melhor, mas a gente sempre brigando, sempre debatendo pra ver se
694 melhorava.
695